O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANNO XXXV

ASSIGNATURAS: SEM ESTAMPILHA: ANNO 4$600 reis; SEMESTRE: 2$350; TRIMESTRE 1$200; AVULSO 50 reis. COM ESTAMPILHA: anno 5$140; SEMESTRE 2$650; TRIMESTRE 1$350; AVULSO 55. As assignaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS

Sabbado 17 de julho de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Annuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assigna-se unicamente em Aveiro. Ás assignaturas são pagas adiantadas. Os manuscriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:507

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rue S.te Anne, 51.bis

ESMOLLA

para as victimas do incendio na Costa da Torreira

Transporte..... 4:300

—

Qualquer donativo deve ser dirigido ao ex.mo e revd.mo sr. Conego Arcypreste, José Candido Gomes d'Oliveira Vidal.

O producto d'esta subscripção será por este cavalheiro entregue ao sr. governador civil d'Aveiro, para ser por este sr. distribuida proporcionalmente pelos desgraçados, que tudo perderam n'este pavoroso incendio.

SUMMARIO: —A DICTADURA.—UM PUNHADO DE VERDADES.—DIVIDA FLUCTUANTE.—A DICTADURA.—VIAÇÃO DISTRICTAL.—OS SERVIÇOS DE FAZENDA.—COMMISSÃO EXECUTIVA.—AGRADECIMENTO.—NOTICIAS LOCAES.—NOTICIAS DIVERSAS.—NOVAS DE LONGE.—ALGUMAS PALAVRAS ÁCERCA DA ORGANISAÇÃO DE UMA SOCIEDADE OU COMPANHIA EXPLORADORA DA RIA D'AVEIRO.—O ANJO DA CARIDADE, DRAMA EM 4 ACTOS, *por Fernando de Vilhena.*—MOSTEIRO D'AROUCA, *por Marques Gomes.*—COMMUNICADOS.—SCIENCIAS.—ARABESCOS E MINIATURAS.—PARTE OFFICIAL.—CARTAS DE LISBOA.—TELEGRAPHIA.

Aveiro

A DICTADURA

Não era precisa a dictadura para destruir o poderio das corporações administrativas. Para o que ella se torna indispensavel é, para restabelecer a ordem, para firmar a liberdade, para restituir á administração civil as garantias e a seriedade que nunca deviam ser atropelladas pelo facciosismo partidario. O paiz está farto de mistificações, que se não exauctoram o systema constitucional, concorrem todavia para o seu descredito, por que o geral, os que confundem a causa com os effeitos, os que não distinguem os principios, dos homens encarregados de os executar, attribuem ao regimen o que é apenas obra da incontinencia politica, baralhando os conceitos, e concluindo que a constituição é má, só porque ha quem abuse das suas disposições.

A dictadura exerceu-a ahi a regeneração quando os seus delegados de confiança prendiam as commissões recenseadoras por não obtemperarem ás suas ordens disparatadas. A dictadura assumiu-a o homem que hoje a combate ao recusar-se, como presidente da commissão recenseadora do seu bairro, a cumprir o accordam do tribunal competente, que lhe ordenava fizesse inscrever mais de *mil e oito centos* cidadãos, que arbitrariamente haviam sido eliminados do recenseamento politico. Dictadura fel-a elle quando depois como governador civil nomeou uma commissão de syndicancia aos livros de outra commissão, quando o pretexto para semelhante abuso devia ser denunciado ao poder judicial, que procederia conforme o merecimento dos autos. Dictador foi o outro signatario do convite para o comicio do dia 11 do corrente, paralisando os movimentos da junta geral do seu districto, não consentindo que tivesse seguimento o que politicamente lhe desagradava, hostilisando tudo quanto se opunha á realisação dos seus intuitos partidarios, violando conscientemente a lei, affrontando o decoro, falseando a liberdade, tudo para ter preponderancia, e uzar d'ella em beneficio seu e do seu partido.

Dictadura fel-a em julho de 1878 a regeneração dissolvendo a junta geral d'Aveiro, quando pelo Cod. de Sampaio lhe era defezo fazel-o, tudo por facciosismo, e com o intuito de arranjar maioria, para o que teve de corromper o collegio eleitoral.

Dictadura fel-a o mesmo partido em 1881 para o lançamento e cobrança dos impostos directos. Dictador foi o governo regenerador em 19 de maio de 1884 ao promulgar a reforma do exercito. Foi-o ainda na mesma data para se auctorisar a contrair um emprestimo de 900 contos para armamento, armamento que ainda não foi comprado, não obstante haverem decorrido dois annos e dois mezes.

E a parcialidade politica que assim uzou e abusou das dictaduras, teve a audacia de querer protestar contra a dictadura que se pretende fazer em 1886, não por ser bôa ou má a reforma administrativa que ella não conhece, mas só porque trará comsigo a dissolução das corporações administrativas, de que ella põe e dispõe, não por interesse publico, mas por conveniencia partidaria. Ora quando o facciosismo se patenteia de um modo tão inconveniente e attentatorio da dignidade nacional, quando aos apostolos da resistencia falta a auctoridade moral para conquistarem o apoio e os aplausos da opinião, a questão está vencida contra elles, por maior que seja o esforço da sua bôa vontade.

E não fallem do Porto, e não fallem das provincias, e não alludam á vontade publica, porque seria uma sofismação risivel dos principios, uma invocação estulta de factores, que não prestam auxilio algum ao pequenissimo movimento de um punhado de ambiciosos vulgares. O Porto e as provincias não são os tres individuos que se constituiram em commissão para procurarem directamente el-rei, quando el-rei, como auctoridade constitucional não a podia receber sem ser na presença dos seus ministros responsaveis. E foi preciso que o chefe do estado assim o fizesse saber aos homens da lei, que como na Grã-Duqueza, eram apenas trez, trez, combinando-se para violarem a constituição da monarchia!

Ao fiasco da reunião no theatro de S. João, devia seguir-se aquelle episodio offembachiano. A commissão, vesada em dictaduras, protestava contra a que está em prespectiva, dispensando todavia as formulas, e procurando por este facto tambem exercel-a, embora invocasse principios que contrariavam os seus propositos! Vejam lá até onde chegaram os máus habitos, que até mascarados em puritanos, se arvoravam em dictadores, tanto poude n'elles o pendor natural.

Ora aquietem-se, tenham juizo, não procurem com agitações superficiaes impor-se ao paço, como dispondo de uma grande força, quando nem sequer chegam a personificar o voto do seu partido. Porque, segundo lemos já n'uma folha regeneradora, até o sr. Fontes, caracter illustrado e politico de largo folego, não aprova as tonterias dos soffregos e impacientes, que berram porque ha cinco mezes foram exotados do poder, elles que o exerceram por espaço de cinco annos, a despeito dos protestos reiterados de clero, nobreza e povo.

UM PUNHADO DE VERDADES

De um jornal convictamente regenerador, transcrevemos os seguintes periodos do seu artigo editorial de hontem:

«Para que a rotação dos partidos não seja uma ficção, é indispensavel que — devemos accrescentar—não haja exclusivismos, privilegios, monopolios, á custa dos quaes uns hajam de fazer tudo e aos outros nada seja permittido fazer.

«Dois partidos monarchicos, que se alternam no poder, entram, por assim dizermos, n'uma competencia, n'uma concorrencia, n'um certamen, com que muito tem a lucrar a causa publica e a administração do estado. Cada um estudará o modo de se assignalar e distinguir com as suas reformas, com os seus trabalhos e a sua administração. Se acontecer, porém, que a um d'esses partidos se dê um praso largo para executar os seus planos financeiros, administrativos e politicos, e a outro, quando chegar a sua vez de governar, se restringir, se apertar o praso da sua gerencia, o resultado do concurso dará ao primeiro uma decidida vantagem.»

Até aqui parece-nos a doctrina excellente para que deixe de merecer o aplauso da opinião justa e sensata. E assim é. Se a regeneração esteve cinco annos no poder, fazendo quantas reformas julgou convenientes, alterando a constituição, e até a organisação da camara dos pares, não obstante os protestos em contrario do seu illustre chefe; se ella se constituiu durante esse tempo pelo menos duas vezes em dictadura, para a cobrança dos impostos, para a reforma do exercito e para contrair um emprestimo de 900 contos para armamento, não nos parece que seja coherente comsigo mesma procurando obstar a que os progressistas lancem mão da dictadura, a fim de porem já em execução parte dos seus planos de administração, e pretendendo influir no animo do chefe do estado, para elle não sanccionar as providencias que *segundo consta estão já elaboradas.*

Um tal proposito revela, que a regeneração, atacada pela nostalgia do poder, não póde estar cinco mezes fóra d'elle, com quanto lá permanecesse cinco annos, com exclusão do partido progressista. O egoismo é de tal tomo, que não sabemos se ha ainda alguem que tome a serio as suas tramoias politicas.

Continuemos porém com a transcripção:

«O governo regenerador não tem razão de queixa. Reformou a constituição e algumas leis complementares d'ella, apesar da sua indole mais conservadora do que abertamente progressista, sob o ponto de vista politico, queremos nós dizer. O partido regenerador abriu no paiz o caminho aos progressos modernos, não ha duvida, é essa uma das suas maiores glorias; mas tinha no seu credo um preceito que lhe mandava considerar como immutaveis certos principios fundamentaes do systema.

«A reforma da camara dos pares, por exemplo, não era de esperar das suas crenças, das suas doctrinas, do seu programma... O partido modernisou-se, e parecia tender para um dualismo inadmissivel; ensaiava conquistas progressistas, sem deixar de ser conservador.

«Esta inovação trouxe comsigo alguns elementos que entraram para a regeneração, parecendo-nos que não era verdadeiramente ahi o seu logar, a não ser que se propozessem a inverter a organisação politica d'aquelle partido, e a obrigal-o a esquecer pouco a pouco as tradições que fazem toda a sua gloria.

«Dir-se-hia que n'isto havia um plano, engenhoso, é certo, mas de todo o ponto contrario a seriedade do systema. O mesmo partido poderia assim governar sempre, bastando apenas que de annos a annos se substituissem os ministros. Um turno seria avançado, outro conservador. Com estas subtilezas é que não se pode administrar um paiz, porque a administração ha de obedecer por força a um systema, e os systemas, quando se desfiguram, correm o risco de ser condemnados, pela confusão lamentavel que leva a maior parte dos espiritos a attribuir aos principios os erros e as culpas dos homens.

«Se entre nós tão pacificos, tão aferrados aos precedentes, aos uzos, ás tradições, já vae aparecendo quem não creia na excellencia do systema representativo, não é porque este tenha desmerecido nas suas condições, nas suas doctrinas, na sua structura, é porque os abusos de alguns dos que são chamados a pol-o em execução concorrem para este resultado.»

.....

«Entendemos, por tanto, que para a rotação dos partidos se effectuar, é forçoso que se não deixe a uns fazer mais do que está no seu programma..»

E' esta a opinião do *Jornal da Noite*, folha insuspeita, porque é regeneradora. E é em taes circumstancias que o partido regenerador procura agitar a opinião, ao protestar contra a dictadura em prespectiva, não por amor aos principios, mas porque o governo se propõe a reformar a administração civil, de que se seguirá a dissolução das corporações administrativas. Pois estará tão fraco o partido que se arreceia da intervenção directa e a tempo do collegio eleitoral? Aonde está a sua força, o prestigio que inculcava, quando allegava, que o paiz estava por elle? A bravata era de tal ordem, que até o assusta a ideia, de que virá a dictadura para introduzir a ordem onde reina a anarchia. Pois até lhe mette medo que tudo entre no caminho regular? Amedronta-o já a fixação de regras, que não poderá infringir a seu talante?

Os factos nos darão a bitola d'estes Catões, que exercendo a mais infrene de todas as dictaduras, a do facciosismo, não tem a coragem de esperar por actos que justifiquem ou desmintam as suas aprehensões.

Ahi está como os gigantes do dia de prosperidade descem até á estatura de pigmeus, quando lhes sopram ponteiros os ventos da adversidade.

DIVIDA FLUCTUANTE

A divida fluctuante augmentou nos ultimos quatro mezes em 863 contos. A algaravia regeneradora menciona o facto, e attribue-o á gerencia do partido progressista.

E assim é. Mas o que as folhas opposicionistas não dizem é que tal augmento provém exclusivamente das despezas exageradas feitas pela regeneração com a reforma do exercito, com a reforma do corpo da guarda fiscal, e com outras reformas e criações de nichos, que é um nunca acabar.

Já se vê que a culpa d'aquelle augmento é exclusivamente da regeneração. Se ella tivesse sido economica e regrada na sua vida governativa, decerto o desequilibrio entre a receita e a despeza não teria aparecido. Poderia até haver saldo positivo, como ha annos prometteu o seu illustre chefe.

A DICTADURA

D'um jornal rasgadamente regenerador, *O Commercio de Vizeu*, destacamos os seguintes periodos, para se ver como a propria opposição aprecia a dictadura:

«Estamos, até certo ponto, ao lado do governo n'esta questão, porque não sabemos nem queremos fazer politica de funil.

Encaremos a questão por onde ella deve ser encarada, sem odios partidarios, e apenas sob o ponto de vista do interesse publico.

Para nós a dictadura exercida só até ao ponto de o governo conseguir os meios indispensaveis para se firmar constitucionalmente no poder é uma necessidade impreterivel.

.....

Convém ou não convém que o partido progressista se sustente no governo? Convém.

Pode elle sustentar-se sem o appoio d'uma das camaras? Não pode.

Pode obter maioria na camara dos pares fazendo uma eleição com eleitores adversos? Ninguem o acreditará.

D'aqui resulta a necessidade do emprego d'um meio violento, mas que nos parece unico para a resolução d este problema em que já vemos uma das *bellezas* das ultimas reformas politicas.

E' uma verdade axiomatica em politica que o systema constitucional é impossivel sem a rotação dos partidos; mas para haver rotação é preciso que haja partidos, e para haver partidos torna-se indispensavel que as agremiações que tomam esse nome tenham alem de principios bem definidos força e auctoridade.

.....

Chegadas as coisas a este estado, recebendo o partido progressista como recebeu todas as honras de partido regular, a ponto de nem a corôa nem a opinião se lhe manifestarem hostis ou sequer opporem duvida ao seu direito ao poder, é indispensavel que equilibre com o partido adverso as suas forças, e por certo o não poderá conseguir sob a vontade ou capricho d'um poder que lhe é hostil. e que no nosso paiz faz e desfaz governos.

Para se sahir d'este estado não nos parece que se possa conseguir pelos meios constitucionaes.

A dissolução da camara dos deputados importa a dissolução da parte electiva da camara dos pares.

Maioria na camara dos deputados tem o governo a certeza de que obterá pela simples razão de que ainda governo algum deixou de a ter. Outro tanto lhe não acontecerá com a eleição dos pares, porque sendo estes eleitos principalmente pelas corporações administrativas, e sendo estas quasi todas regeneradoras, o resultado difficilmente lhes será favoravel; e aqui fica o governo coacto, periclitante e sem força d'acção, porque fica dependente da vontade ou do arbitrio d'uma camara que por força lhe ha de ser hostil.

Até á reforma da camara alta a questão resolvia-se bem.

O governo dissolvia a camara e fazia uma camara sua; mettia depois uma fornada de pares que lhe désse maioria, e emquanto tivesse a confiança da corôa, estava na posse dos elementos precisos para governar constitucionalmente.

Depois da reforma não é assim: e pelo que vemos qualquer partido que succeda a outro que esteja mais tempo no poder terá que recorrer á violencia que o partido progressista agora julga indispensavel para a sua sustentação nos conselhos da corôa.

Para nós a questão da dictadura não está no uso, mas sim no abuso que d'ella se fizer.

Se o partido progressista se limitar ao strictamente necessario para arranjar elementos de vida constitucional, não o podemos condemnar, porque se nós estivessemos nas condições em que elle se acha, fariamos o mesmo, e deixavamos cantar ou chorar os adversarios.

.....

O partido regenerador não pode nem deve querer já o poder, porque d'ahi resultaria a sua inevitavel ruina. Ora não podendo o partido regenerador governar, e havendo só regularmente constituido o partido progressista, parece-nos que seria um grave erro politico o fázel-o cahir, a não ser que se reconhecesse que elle punha em grave risco os mais caros interesses do Estado.

E' indispensavel que se lhe dê tempo, e que se lhe não difficultem os meios indispensaveis para pôr em execução os seus planos de administração e economias.»

.....

VIAÇÃO DISTRICTAL

O governo, tendo ouvido a junta consultiva de obras publicas e minas, approvou para os effeitos da lei de 15 de julho de 1826, o projecto datado de 25 de fevereiro ultimo relativo ao traçado denominado intermedio do lanço da estrada districtal n.º 31, de Oliveira de Azemeis á Mealhada, comprehendido entre o Sardão e a estrada real n.º 43—A nas proximidades da ponte de Agueda, na extensão de 719m, 37.

Informa a *Soberania do Povo* que este lanço completa a antiga estrada macadamisada de Lisboa ao Porto.

O seu começo é logo em seguida á ponte de ferro no campo de Recardães e vai em linha recta entroncar na estrada chamada de Lisboa ao cimo do Sardão, atravessando a quinta do Atalho.

Segundo nos informam, os trabalhos vão começar immediatamente.

Este melhoramento é de uma grande importancia publica, e deve-se exclusivamente aos exforços extraordinarios do illustre deputado por este circulo o sr. dr. Francisco de Castro Mattozo. O traçado approvado é o estudado pelo distincto engenheiro o sr. Araujo e Silva, que mais uma vez mostra o interesse que lhe despertam os melhoramentos da nossa terra.

OS SERVIÇOS DE FAZENDA

Lê-se no *Diario Popular* o seguinte:

«Temos dado informações geraes ácerca do plano que se attribue ao sr. ministro da fazenda, para a reforma de um dos serviços mais importantes do seu ministerio. Accrescentaremos hoje mais algumas indicações:

Quando um escrivão de fazenda estiver impedido durante um mez, substituil-o-ha o escripturario da mesma repartição concelhia que o director da repartição do districto nomear. Quando durar a falta ou impedimento mais de um mez será substituido por um empregado de correspondente categoria da repartição districtal, que receberá o vencimento do impedido.

O que substituir um escripturario de fazenda, tambem receberá o ordenado d'este.

Ficará prohibida a nomeação de mais empregados extraordinarios nas repartições de fazenda dos districtos. Os actuaes empregados extraordinarios que tenham servido bem, serão providos por ordem das suas antiguidades em metade das vagas que forem occorrendo de segundos aspirantes das repartições districtaes, sem distincção de districtos nem necessidade de concurso. Os empregados addidos serão pela mesma fórma collocados em logares correspondentes á sua categoria. Uns e outros continuarão emquanto servirem bem percebendo os actuaes vencimentos, sendo especialmente empregados como agentes fiscaes do imposto do sello.

Os extraordinarios e addidos collocados nos quadros só terão direito a augmento nos vencimentos quando em resultado de vacaturas não fôr excedida a verba calculada no orçamento de 1886-1887 para empregados extraordinarios, sub-chefes e guardas existentes nas repartições de fazenda districtaes.

Serão esses os augmentos concedidos *pro rata* a proporção das vacaturas, até serem attingidos os vencimentos marcados na nova organisação.

Depois de estarem collocados nas repartições districtaes os actuaes empregados extraordinarios e addidos, o governo poderá nomear até 4 agentes fiscaes em Lisboa e 2 no Porto. Metade será escolhida entre os empregados de fazenda dos respectivos districtos, e a outra metade entre as praças do corpo da guarda fiscal. Os agentes fiscaes vencerão uma gratificação.

Os empregados actuaes só pagarão direitos de mercê pelos excessos de vencimento que obtiverem.

A inteira execução da reforma só começa desde a data da classificação dos concelhos e da collocação definitiva dos escrivães de fazenda.

Da reforma dos serviços de fazenda, resultará uma economia de 33 contos effectivos.»

COMMISSÃO EXECUTIVA DA JUNTA GERAL D'AVEIRO

SESSÃO DE 14 DE JULHO DE 1886

Presidente—Dr. Barbosa de Magalhães.

Vogal—Araujo e Silva.

Secretario—Elias Pereira.

Foi presente o balanço do cofre districtal relativo á ultima semana.

Adjudicou em hasta publica, a Manuel Luiz, por 4:600$000 réis, a construcção do lanço da estrada districtal n.º 40 B comprehendido entre o Caes do Boco e a Quintã.

Approvou com explicações e recommendações o orçamento ordinario da junta de parochia de Fiães, concelho da Feira, para o corrente anno.

Approvou com modificações o orçamento supplementar da junta de parochia de Alquerubim, concelho de Albergaria Velha, para o corrente anno.

Approvou com alterações o orçamento da junta de parochia de Mamarrosa, concelho d'Oliveira do Bairro, para o corrente anno civil.

Mandou pagar 215$885 réis ao empreiteiro da estrada districtal n.º 31 (a) entre Adães e Alumieira.

Deferiu a representação da camara municipal de Vagos para ser alterada a classificação da estrada districtal n.º 36 ficando da Giesta a Vagos, por Sôza.

Declarou á engenheria districtal que a nenhum dos empregados d'essa repartição podem ser abonadas ajudas de custo por mais de 15 dias em cada mez senão por deliberação especial da commissão executiva.

Approvou os orçamentos ordinarios para o corrente anno, das juntas de parochia de Macinhata do Vouga, concelho d'Agueda; de Janarde, concelho de Arouca; de S. Lourenço do Bairro, concelho de Anadia; de Couto d'Esteves, concelho de Sever do Vouga; de Casal Comba, concelho da Mealhada; de Agadão, concelho de Agueda; de S. Miguel do Matto, concelho de Arouca; e de Fornos, concelho de Paiva.

Approvou com explicações o orçamento ordinario para o corrente anno da junta de parochia de Geão, concelho da Feira.

Approvou com recommendação o orçamento ordinario da junta de Parochia de Mosteiró, concelho da Feira, para o corrente anno.

Approvou as arrematações celebradas pela junta de Parochia de Fiães, concelho da Feira, em 13 de junho, de terrenos baldios a Joaquim Pinto d'Almeida, Joaquim da Silva Petiz, José Francisco Villarinho, e Manuel Soares.

Concedeu a D. Margarida Resende Abreu Freire, de Avanca, licença para construir um syphão junto á estrada districtal n.º 27.

Não tomou conhecimento do requerimento de Alfredo Cypriano, de Vallega, para se lhe dar licença e linhamento para uma obra junto a estrada districtal.

Auctorisou a engenheria districtal a proceder á vistoria para a recepção provisoria do lanço da estrada districtal n.º 27—B, entre Ovar e Carvalheira.

Deliberou responder á engenheria districtal que as ajudas de custo a todos os empregados da repartição só podem exceder 15 dias em cada mez com auctorisação especial da commissão.

Deliberou mandar abonar excepcionalmente em folha ás amas dos expostos José n.º 176 e Alexandrina n.º 178 o vencimento mensal de 2$000 réis até que a camara do concelho da Mealhada *habilite* amas de leite que se promptifiquem a crear pelos preços do costume.

AGRADECIMENTO

Francisco Manuel Couceiro da Costa e D. Constança Ludovina Couceiro, não lhes sendo possivel agradecer individualmente os cumprimentos de pezames que receberam de tão grande numero de cavalheiros e senhoras, tanto d'esta cidade como de outras localidades, pelo fallecimento de sua neta, D. Maria de Ceu Couceiro, veem por este meio, profundamente penhorados, significar-lhes a sua gratidão e reconhecimento.

Aveiro, 15 de julho de 1886.

Noticias Locaes

Apontamentos de carteira.—Partiu na terça feira á noite para Lisboa o nobre conde de Castello de Paiva. Mas já hontem de madrugada passou aqui de regresso á sua casa de Sobrado.

— Na madrugada de quinta-feira passou aqui em direcção ao Porto o illustre ministro da fazenda, o sr. conselheiro Marianno de Carvalho.

— Veio a Aveiro na quinta-feira, apresentar-se á junta de revisão, o sr. dr. Abel Correia de Pinho, digno procurador da coroa e fazenda no ultramar.

— Partiu no dia 13 para Lisboa o sr. dr. Antonio Marques da Costa.

— Estiveram na quarta-feira em Aveiro os nossos prestimosos amigos, os srs. José Fragateiro de Pinho Branco e seu filho o sr. dr. Francisco Fragateiro de Pinho Branco, de Ovar.

— Veiu a Aveiro na quarta-feira o sr. Sebastião Pereira da Cunha Sottomaior, digno escrivão de fazenda de Ovar.

— Está em Coimbra, fazendo parte dos jurys de exames de instrucção secundaria o nosso illustrado amigo o sr. dr. João José Pereira de Souza e Sá, digno professor e secretario do Lyceu Nacional de Aveiro.

— Partiu hontem para Castello de Paiva o sr. dr. Manuel Joaquim Massa, digno secretario geral d'este districto.

— Partiu para o Porto, tambem em serviço de exames, o sr. dr. José Rodrigues Soares.

— Regressou dos banhos de S. Pedro do Sul o ex.mo sr. Francisco Manuel Couceiro da Costa, e sua ex.ma familia.

Posse.—O nosso amigo, o sr. Bazilio Matheus de Lima Junior tomou posse na segunda feira do logar de Escrivão de fazenda do concelho d'Ilhavo.

Outra.—O sr. Sebastião Pereira da Cunha Sotto-Maior, escrivão de fazenda do concelho de Ovar, tomou posse no dia 15 do corrente.

De luto.—Estão de luto, por via do fallecimento de seu pae, respeitavel ancião, o rev.º sr. dr. Antonio José Rodrigues, illustrado e muito digno director do *Collegio Aveirense*, e dr. José Rodrigues Soares, dignissimo professor do lyceu. Aqui lhe apresentamos os protestos da nossa condolencia por tão fundo golpe.

Missa nova.—Disse-a n'esta semana o nosso patricio e amigo, o rev.º sr. Severiano Ferreira d'Araujo Soares. Damos os nossos sinceros parabens a elle e a seus extremosos paes.

Devota festividade.—Conforme o costume, faz-se ámanhã na capella de S. João, ao Rocio, uma pomposa festa em honra e louvor da Senhora da Piedade, que ali se venera, com missa, acompanhada a musica e sermão. A capella, como é de uso tambem estará vistosamente engalanada, pois a devoção dos mordomos manifesta-se ali exhuberantemente no explendor do culto.

O que ámanhã ha.—Tourada, no campo de S. João, promovida pelo sr. Fernandes Maia, de Vagos, que fornece os seus *garraios*, e em que tomam parte, como bandarilheiros, os mais habeis amadores do bairro piscatorio.

— Musica de tarde, no mesmo campo, pela phylarmonica *Aveirense*.

— No coreto do jardim a *charanga* executará o seguinte programma:—*Passo dobrado*, por J. Vieira; *pot-porri*, extrahido da revista do anno; *Rosinha*, mazurka; *Compliment Les Dames*, polka; *Sempre constante*, mazurka; *Recordações de Carcaoellos*, valtz; *cavatina Dhalia*; *O Balão*, ordinario.

— Em Villar, povoação do sul da cidade, haverá a romaria de Nossa Senhora da Victoria.

Theatro.—E' hoje que tem logar no nosso theatro a annunciada recita do drama dos srs. José Cunha e Firmino de Vilhena—*Perdão*. A recita promette ser magnifica. O drama que se representa encontrar-se-ha á venda hoje á noite, no *buffete* do theatro.

O mosteiro d'Arouca—Lenda historica.—Com este titulo acaba de publicar o nosso presadissimo amigo e illustrado engenheiro o sr. A. F. d'Araujo e Silva, um opusculo onde em formosas estancias se faz a historia do mosteiro, historia como ella se deve fazer, pois a narração poetica apoia-se quasi sempre em documentos de incontestavel fé, e se algumas vezes se affasta d'este caminho, é para não desdizer do titulo de lenda que s. ex.ª lhe quiz dar. O opusculo, além de muitos outros meritos, tem o sabor da occasião, é mais um brado que se levanta em prol da conservação do historico monumento—brado que decerto ha de encontrar écco em muitos corações portuguezes.

O sr. Ferreira Araujo que, com esta sua nova publicação mostrou mais uma vez que o seu bello talento se amolda tanto á resolução dos mais difficeis problemas scientificos como a litteratura, dános em primeira mão o epitaphio latino do tumulo de granito que estéve durante alguns seculos o corpo da rainha D. Mafalda, e que a piedade dos romeiros tem desfeito em parte, pois não fôra até hoje publicado.

Eleição.—Deve ter logar ámanhã a prestação de contas e eleição de nova direcção da Associação Aveirense de soccorros mutuos das classes laboriosas.

Inspecção militar.—Verificou-se no dia 15 a reunião da junta de revisão d'este mez, sendo o acto regularmente concorrido.

Trabalho no mar.—Não o houve hontem porque o vento o tornou impraticavel. As pescas dos dias anteriores foram ainda petinga em pequena quantidade. Estamos além de meiado de julho e as pescas são como se vê.

Causa profunda tristeza ver ir uma e muitas vezes as companhas ao mar, trazerem 500 e 1:000 reis de lanço e d'isso mesmo ter de pagar ao fisco uma porsão relativamente exagerada. E não ha um governo que extinga semelhante imposto, certamente o mais injusto, o mais iniquo de quantos se pagam.

Noticias Diversas

Assumptos militares.—O correspondente de Lisboa para o *Primeiro de Janeiro*, do Porto, escreve o seguinte:

«Por ordem superior não serão por emquanto concedidas licenças registradas ás praças de pret do exercito, nem transferencias de uns para outros corpos. Entretanto vae tratar-se de distribuir os soldados pelos diversos corpos, de modo que estes fiquem proximamente com o mesmo effectivo.

E' problema difficil de resolver porque mal se póde resistir ás instancias dos que pretendem servir nos corpos aquartelados nas suas provincias ou concelhos. Succede que ao passo que em alguns corpos ha praças a mais a são frequentes os requerimentos dos que pretendem servir n'esses regimentos; ha outros que não só teem praças a menos, mas as que lá estão pretendem sahir para servirem proximo da sua naturalidade.

Ha concelhos que por mil artificios que todos conhecem quasi não dão um recruta; os regimentos que lhes correspondem são formados com recrutas de outros concelhos e até de certos districtos.

Os que pagam honradamente o tributo de sangue, ainda em cima são sacrificados tendo de afastar-se para muito longe das suas terras; ha recrutas do norte que vão parar ao sul. Pagam por si e soffrem por conta dos que se furtam á obrigação de servir. O que seria de uma grande vantagem para a organisação do exercito, para a sua mobilisação, o recrutamento regional, como se pratica nos paizes mais aperfeiçoados nas instituições militares, tornou-se inexequivel desde que ha tão grandes desegualdades.

Entretanto, se alguem se lembrar de tirar um regimento de uma terra que não dá um recruta, levantam-se logo clamores e chovem as representações; mas quem não quer dar soldados, que direito tem a querer regimentos?

A repugnancia para o serviço militar, que, segundo as circumstancias actuaes não tem um fundamento acceitavel, diminuiria se podesse realisar-se o recrutamento regional e todos os concelhos contribuissem na devida proporção para o serviço do exercito; seria então relativamente facil completar os effectivos dos corpos, onde pelas condições locaes o numero dos recrutas fosse menor.

Actualmente, o que succede é que o governo manda transferir para um ou outro regimento contingentes de outros corpos, mas ao cabo de seis mezes quasi todos que foram voltam para o ponto de partida. Vão por junto e voltam á formiga.»

Ponte D. Luiz I.—O *Commercio do Porto*, informa que já estão sobre a ponte Luiz I tres wagonetes que teem de servir, depois de carregados, pora as provas de resistencia da mesma ponte. Os wagonetes necessarios veem da direcção dos caminhos de ferro do Minho e Douro. Já terminou o assentamento dos carris sobre que deslisarão os wagonetes depois de carregados na margem. Está aberto concurso para o fornecimento dos candieiros necessarios para a ponte ser illuminada a gaz. Essa illuminação exige 24 candelabros sobre columnellos para o taboleiro superior, 8 candelabros sobre consoles e 8 ditos de luz intensiva para o taboleiro inferior.

Grande incendio.—Cêrca da meia noite de 11 do corrente, rompeu um grande incendio na casa do sr. José Leite Marinho, na freguezia de Arnozello, comarca de Fafe. Morreram 14 cevados e uma egua, perdendo-se a mubilia, 3 tulhas de pão, uma caixa com azeite, e todos os vinhos verdes e maduros e 2 pipas de aguardente que havia no armazem. Parte das paredes da casa desabaram e as outras ameaçam ruina. Os prejuizos são calculados para mais de sete contos de réis. O predio estava seguro em réis 4:115$000 na companhia *Probidade*, de Lisboa.

Molestia no gado suino.—Na freguezia da Junceira, concelho de Thomar, tem morrido quasi de repente muitos animaes da raça suina. Ignora-se por emquanto a especie de molestia que os ataca.

Cultura da canna.—Escrevem da ilha da Madeira que progride, de um modo assustador, a phytonose que tem destruido a maior parte das culturas de canna de assucar d'aquella importante região agricola. Os lavradores da Madeira teem envidado todos os esforços para debellar a molestia que ataca os cannaviaes alli existentes.

Das ilhas Mauricias teem sido importadas grandes porções de cannas para substituirem as plantações affectadas de molestia.

O sr. visconde de Cannavial, actual governador civil do districto do Funchal, no louvavel intento de aconselhar, não diremos os meios efficazes, porque até agora não são conhecidos, mas, por certo os mais convenientes e racionaes, fez publicar no *Diario de Noticias* d'aquella cidade, umas instrucções que reputamos de muita utilidade para a regeneração e melhoramento de tão importante cultura. Oxalá que as prescripções indicadas produzam os beneficios que se desejam.

Medalha a João de Deus.—Foram já tiradas as provas a lacre d'esta medalha, cunhada por iniciativa do distincto poeta sr. Joaquim de Araujo e em que o illustre gravador Molarinho trabalha ha perto de tres annos.

E' formosissimo o retrato do poeta da *Cartilha Maternal* e das *Flores do Campo*, que se ostenta no anverso da medalha, tendo á volta esta sobria e poderosa legenda: *Os portuguezes a João de Deus*.

O reverso apresenta a *Cartilha Maternal* aberta nas primeiras paginas do *Hymno do Amor*, e a olho nú lêem-se estes versos encantadores de João de Deus:

Andava um dia
Em pequenino.
Nos arredores
De Nazareth
Em companhia
De S. José
O Deus menino
O Bom Jesus.
Eis senão quando
Vê n'um silvado

tal qual como nas duas paginas da *Cartilha* que compendiam esta deliciosa composição. No alto, arde uma lampada romana, e os versos do *Hymno de Amor* lêem-se entre palmas abertas e sobre festões e moitas de flores. Por debaixo lê-se a data 1886 sobreposta a uma pequena legenda que diz: *Iniciativa de Joaquim de Araujo*.

Tal é a descripção rapidamente traçada d'esta medalha, que é um titulo artistico para Molarinho e a que este distincto artista tem votado o melhor do seu trabalho nos ultimos annos.

Com a medalha será entregue a João de Deus um documento altamente honroso: é o relatorio que diz respeito á medalha e que é da lavra do seu iniciador. A cunhagem effectuar-se-ha dentro em pouco tempo.

Porto de Leixões.—Refere o *Monitor de Bouças*:

Molhe do norte:—Durante as ultimas marés vivas da lua nova assentaram-se 9 blocos artificiaes de 1.ª fiada, isto é, nas fundações da superstructura argamassada d'este molhe, 8 de 2.ª e 8 de 3.ª, o que representa um avanço para as mesmas fundações de 18^{m}; collocaram-se 25 blocos artificiaes nos enconcamentos com um volume total de 500^{m}3 e effectuou-se a descarga de enrocamentos com um volume total de 500^{m}3 e effectuou-se a descarga de enrocamentos de pedras naturaes por meio do grande guindaste.

Construiram-se nos respectivos estaleiros 22 blocos artificiaes para serem empregados no muro d'abrigo e nos enrocamentos.

Molhe do Sul:—Durante o mesmo tempo assentaram-se n'este molhe 7 blocos artificiaes de 1.ª fiada, 5 de 2.ª e 6 de 3.ª, produzindo este trabalho um adiantamento para as fundações de 14^{m} e collocaram-se nos enrocamentos 24 blocos artificiaes com o volume total de 480,^{m}36.

Construiram-se nos estaleiros d'este molhe 21 blocos artificiaes para serem empregados no muro d'abrigo.

Alteração no uniforme dos officiaes da armada.—A alteração que foi mandada fazer consiste no seguinte:

O emblema do bonet deve ser bordado sobre panno azul ferrete;

Os distinctivos de grau hierarchico dos officiaes da marinha militar, serão:

Almirantes, 3 galões da largura de 0,^{m}04 com 3 cordões cada um da largura de 0,^{m}005 e tendo superiormente um galão de 0,^{m}02 de um cordão formando oculo na folha exterior da manga.—Vice-almirantes, 2 galões largos e o estreito como nos almirantes. Contra-almirantes, um galão largo de 0,^{m}04 com 3 cordões entre dois galões estreitos de 0,^{m}02 de um cordão formando oculo e galão superior como nos antecedentes. Capitão de mar e guerra, 3 galões paralelos de 0,^{m}02 de largura terminando o de cima em oculo na folha exterior da manga. Capitão de fragata, 2 galões parallelos de 0,^{m}02 terminando o de cima em oculo. Capitães tenentes, um galão de 0,^{m}02 em oculo e inferiormente um galão de 0,^{m}009. Primeiros tenentes, um só galão de 0,^{m}02 disposto como para os capitães tenentes. Segundos tenentes, 2 galões de 0,^{m}009 parallelos terminando o de cima em oculo na folha exterior da manga. Guardas marinhas um só galão de 0,^{m}009 em oculo como o galão superior dos segundos tenentes.

O caban é em todos os corpos substituido por um casaco largo, direito de abafar de panno piloto azul ferrete, com cabeção, tudo forrado de lã preta sem guarnição nem vivos, tendo apenas uma presilha na parte posterior na altura da cintura, e duas abotoaduras de 6 botões grandes, devendo a graduação do official ser indicada pelos galões respectivos na folha da frente da manga do casaco o qual distará do solo, 0,^{m}33, estando o corpo na posição de sentido.

A industria da cortiça.—Está gravemente ameaçada esta hoje importantissima industria, segundo se vê da seguinte noticia que transcrevemos do *Diario de Noticias*:

«A agricultura portugueza parece estar ameaçada de um mal gravissimo e que póde causar a ruina das grandes herdades da Extremadura e do Alemtejo. Um nosso amigo, proprietario nas Caldas da Rainha, acaba de ser prevenido pelo seu feitor do apparecimento de uma lagarta, que ataca os arvoredos d'aquellas localidade, devastando de preferencia os sovereiros. A lagarta apparece em quantidade enorme, sendo enorme egualmente a sua voracidade, a ponto de exhaurir todo o succo das arvores. O individuo, a quem nos referimos, partiu logo para as Caldas e teve occasião de verificar por seus proprios olhos que não eram exaggeradas as informações terroristas do seu feitor. Trouxe alguns d'aquelles terriveis animaesinhos e remetteu-os para o instituto agricola a fim de alli serem analysados. Não sabemos se o governo já recebeu participação official, mas, no caso affirmativo, crêmos que não deixará de adoptar as mais rapidas e energicas providencias para dar cabo do terrivel flagello. Oxalá que o mal, embora grave, seja passageiro, e não se torne endemico, como aconteceu com o que destruiu os bellos soutos de carvalhos. Como se sabe, a exploração do sovereiro constitue a principal riqueza da agricultura do sul do reino, e se o mal que se observa actualmente nas Caldas da Rainha se propagasse aos montados, ter-se-ia annullado um dos mais importantes ramos da nossa exportação—a cortiça.»

Despachos de fazenda.—Verificaram-se os seguintes:

Fernando Reis de Oliveira, reintegrado como escripturario de fazenda em Villa do Conde.

Joaquim Pereira Lopes Bettencourt, escrivão de fazenda em Montemór-o-Velho, transferido para a Figueira da Foz.

Antonio Francisco de Paula, idem em Armamar, idem para Montemór-o-Velho.

Manuel Neves Ribeiro, idem em S. João de Areias, idem para Armamar.

Augusto de Abranches Coelho Lemos e Menezes, aspirante de 2.ª classe da repartição de fazenda do districto de Vizeu, nomeado escrivão de fazenda para S. João de Areias.

João Ferreira Alves, escrivão de fazenda da Figueira da Foz, exonerado, sendo nomeado inspector do sello.

Exonerado José Rodrigues de Faria do logar de delegado do thesouro no Porto, transferido para este districto o do Funchal José Cabral Correia do Amaral, e nomeado para o Funchal o escrivão de fazenda de Villa Nova de Gaya, José de Figueiredo.

Lino José Ferreira da Costa, escrivão de fazenda de Villa Real, transferido para Villa Nova de Gaya.

Casimiro Pereira Rodrigues, idem de Vallongo, idem paro Poiares.

Jayme Augusto de Carvalho Proença, idem em Peniche, idem para Vallongo.

Pernando Gameiro Burguette, idem de Soure, idem para Villa Real.

Lino Augusto de Faria, idem em Benavente, idem para Soure.

Julio Cesar Valerio, idem em Poiares, idem para Benavente.

Carlos Boaventura, idem da Fronteira, idem para as Caldas da Rainha.

Duarte Augusto Alves Ribeiro, idem de Villa do Conde, idem para Elvas.

Sebastião da Motta Cerveira, idem da Chamusca, idem para Villa do Conde.

Guilherme Gonçalves de Santiago Figueiredo, idem de Almeirim, idem para a Chamusca.

Antonio Joaquim Marques Perdigão, idem da Cortã, idem para Almeirim.

Domingos Telles da Silva Menezes, idem para a Fronteira.

Casimiro Esteves Mendes, escripturario de fazenda, nomeado escrivão de fazenda de Mondim da Beira.

Francisco José Rodrigues Junior, escrivão de fazenda de Mondim da Beira, transferido para Armamar.

José Augusto Ribeiro, idem de Evora, exonerado e nomeado inspector do sello.

Augusto Alexandre Esteves Mendes, idem em Portalegre, transferido para Evora.

Pedro Evaristo Fontes Serra, idem em Portel, idem pora Vidigueira, e o de este concelho, José de Calazans Martins França, para Portel.

João Maria dos Passos Vella, idem de Albergaria, exonerado até ultima resolução.

Alberto Carlos Freire de Oliveira, idem de Vagos, transferido para Albergaria.

Julio Ferreira Vidal, idem em Ilhavo, idem para Vagos.

Bazilio Matheus de Lima Junior, escripturario de fazenda de Aveiro, nomeado para escrivão de fazenda para Ilhavo.

Carlos Antonio da Silva Ferrão, idem de Soure, nomeado escrivão de fazenda de Lages das Flores (Horta).

Despachos ecclesiasticos.—Fizeram-se os seguintes:

Apresentado na egreja de S. Lourenço de Carvide, concelho de Leiria, diocese de Coimbra, o presbytero José Thomaz da Fonseca.

Apresentado na egreja de S. Miguel de Queirã, concelho de Vouzella, diocese de Vizeu, o presbytero João Correia de Almeida.

Apresentado na egreja de S. Julião de Monrancho, concelho de Taboa, diocese de Coimbra, o presbytero José Marques Madeira.

Apresentado na egreja de S. Miguel de Escajão, concelho da Figueira de Castello Rodrigo, diocese da Guarda, o presbytero Antonio Aagusto Lopes.

Foi aposentado em um dos canonicatos da sé de Macau o revd.º presbytero José Manuel Gomes.

Novas de Fouge

O arcebispo de Paris.—Escreve o nosso collega do *Correio da Noite*:

Em 19 de fevereiro de 1623 foi o bispado de Paris erigido em arcebispado, sendo seu primeiro arcebispo o então bispo João Francisco de Gondi; desde essa data até hoje, contando com o prelado que acaba de fallecer, a cadeira archiepiscopal de Paris tem sido occupada por 19 prelados.

O sr. Guibert entrou de posse da Sé de Paris em 19 de junho de 1871, como successor do sr. Darboy fuzilado em 24 de março de 1871 pelos communistas. Do cardeal Guibert, dizia um dos mais notaveis retratistas francezes: «Vesti este prelado como qualquer de nós, e depois de collocado em face de um artista este não hesitará em dizer: «Eis um homem que deve ter uma vontade de ferro, uma intelligencia superior e um grande desgosto.» Este retrato do arcebispo fallecido tem a mordente precisão de uma gravura a agua forte.

A sua physionomia era como que velada por uma tristeza profunda, amenisada por uma tal ou qual irradiação de calma intima.

Quer no fundo do seu gabinete de trabalho, quer na cathedral de *Notre-Dame*, presidindo ás pompas das solemnidades maiores, a sua physionomia conservava-se sempre triste, severa, serena e magestosa.

O cardeal Joseph Hippolite Guibert nasceu em Aix (Bouches du Rhone) em 13 de dezembro de 1802.

Fez os seus primeiros estudos no seminario d'esta cidade, indo acabar em Marselha e em Roma os seus estudos theologicos, sendo, aqui, admittido na congregação dos *oblatos de Maria Immaculada*, então denominada *missionarios da Providencia*.

Em 1825 tomou ordens de presbytero, e foi nomeado superior da casa de *Notre-Dame-du-Laus*, pequena cidade, entranhada nas montanhas de Préval e de Prémorel, onde existe uma notavel egreja, construida em 1667 e consagrada á memoria d'uma pastora a quem a Virgem apparecera.

Dirigiu depois o seminario de Ajáccio, sendo, em paga dos seus serviços, em 1836, nomeado conego honorario d'aquella diocese.

Por uma ordenança real de 30 de julho de 1841, foi o sr. Guibert escolhido para bispo de Vivers, pequena cidade do departamento do Ardeche.

O novo prelado foi preconisado no consistorio de 24 de janeiro de 1842, prestou juramento ao monarcha em 18 de fevereiro, sendo sagrado na egreja de Saint Cannat, em Marselha.

O sr. Guibert regeu durante quinze annos este bispado. D'elle reza a tradicção que «arrastado pelo ardor da sua caridade era visto, quando em 1854 a cholera devastava com mais crueldade, percorrendo as ruas, accudindo á cabeceira de todos os enfermos, e em todos os pontos onde a desolação era maior e o contagio mais temivel, prodigalisando consolações e esmolas.»

Foi por determinação sua que n'aquelle bispado se estabeleceu uma caixa de pensões para os padres enfermos; organisaram-se varias bibliothecas, e foi começado o processo de beatificação de Maria-Anna Rivier, creadora de uma congregação de *irmãs da Apresentação de Maria*. De Viviers passou para Tours, sendo nomeado em 4 de fevereiro de 1857, preconisado no consistorio de 19 de março, recebendo o sacro pallio das mãos do seu antecessor o sr. Morlot, em Paris na capella dos Lazaristas.

A elle se deve a iniciativa de uma subscripção para a construcção da basalica de Tours, e do tumulo de S. Martinho, fundador do primeiro mosteiro christão da Galia, subscripção que, quando sahiu de Tours, já se elevava a perto de um milhão de francos.

Em 1864 protestou contra a interdicção da publicação do *Syllabus*, ordenada pelo governo de Napoleão II.

Durante a desastrosa campanha de 1870-71 tendo-se os representantes do governo da defeza nacional, os srs. Cremieux e Gloisi Bisoin, transportado a Tours, o sr. Guibert deu o exemplo de patriotismo hospedando-os no seu palacio; mas prohibindo-lhes expressamente, sob pena de sahida d'elle ostensivamente, d'alli, receberem Garibaldi.

Terminada a guerra e vencida a Communa, o sr. Guibert foi nomeado arcebispo de Paris, em substituição do sr. Darboy, por despacho do sr. Thiers, chefe do poder executivo.

Tendo recusado primeiramente só acceitou este cargo, dizem os seus apologistas, quando lhe demonstraram o perigo de tal posto, onde tres dos seus predecessores já tinham succumbido tragicamente.

Foi preconisado em 27 de outubro de 1871, tomando posse um mez depois, dia por dia.

Depois da sua installação occupou-se com afan da creação da egreja votiva do *Sagrado Coração*, nas alturas de Montmartre. Em 29 de dezembro de 1873 recebeu o chapéu de cardeal, do titulo de São João-ante-Porta-Latina, ficando pertencendo á congregação dos bispos e regulares, á do Concilio, á da Prepagação e á do Index.

O cardeal arcebispo de Paris era conde romano, assistente do solio pontificio, conego honorario de Aix, de Viviers, de Auch, de Ajacio, de Tours, de Cap e de Savalo, Official da Legião de Honra desde 11 de abril de 1849, tendo sido nomeado cavalleiro em 3 de abril de 1883. O seu brazão de armas era: Um leão de ouro e uma ovelha de prata em campo azul, tendo sobreposta a cruz do Calvario em prata, e no vertice as iniciaes O. M. I. (*Oblate Maria Immaculata.*)

O sr. Guibert dizia todos os dias missa ás 8 horas em ponto na capella do Palacio, passava depois ao seu gabinete de trabalho, onde se demorava uma hora, indo almoçar depois.

Ainda não estava bem engulido o bocado e já o chilrear dos passaros no jardim reclamava tambem o seu almoço. Então abria-se uma janella da casa do jantar, da qual o arcebispo se approximava com um grande pão.

De fóra, uma nuvem de passarinhos, acostumados a esta pitança diaria, esvoaçava chilreando. Pardaes, pintasilgos, melros e tutinegras, hospedes do jardim archiepiscopal, onde vivem em plena liberdade, agglomeram-se, furando uns por entre os outros, pousando, voando, empoleirando-se nos ramos das arvores mais proximas, vindo alguns mais ousados buscar a migalha ás mãos do prelado, que fazia d'este almoço aos passarinhos um dos seus mais alegres passatempos.

De verão ou de inverno, quer o calor estivesse abrasador, ou o frio fosse intensissimo, o cardeal apparecia á mesma hora á janella e deitava pão ás aves... E' de crer que sejam ellas as ultimas a esquecel-o!»

*

A declaração legal da morte do arcebispo de Paris foi feita na *mairie* do 7.º bairro. O corpo do arcebispo, diz o *Temps*, repousa no primeiro andar do paço archiepiscopal em uma camara contigua ao gabinete de trabalho, e simplesmente mobilada. O leito em que se acha é de acajú e todo cercado de cortinados.

A cabeça do prelado descansa sobre alguns travesseiros. As irmãs da Esperança velam junto do leito mortuario. Ao lado do leito está uma pequena mesa sobre a qual se vê a caldeirinha de agua benta com um ramo de buxo. O cardeal-arcebispo, conforme o costume, está revestido com a purpura, roquete, murça e o barrete cardinalicio.

Na camara acham-se os tres grandes vigarios Pelgé, Caron e Gendre, lendo o officio de defuntos. Ao pé do leito, duas irmãs da Sacra-Familia resam pelo rosario. O sobrinho do prelado, sr. Sarrus, aproxima-se de vez em quando do leito mortuario e ajoelhando-se, resa tambem pelo eterno descanço de seu tio.

Trabalha-se tambem, acrescenta o mesmo jornal, na ornamentação da capella ardente no principal salão do paço, para onde será trasladado o corpo do arcebispo, e onde se fará a exposição solemne ao publico.

Durante o tempo que estiver exposto o corpo do prelado, os quatro grandes seminarios de S. Sulpicio, das Missões Estrangeiras, dos Lazaristas e do Espirito Santo render-se-hão alternativamente para velarem o corpo na capella ardente e recitarem os officios de defuntos.

O clero das parochias de Paris foi convidado para ir aspergir de agua-benta os restos mortaes do seu arcebispo.

As exequias parece que se realisarão sabbado, 17, de modo que será na sexta-feira que se verificará o levantamento do corpo, sendo em seguida conduzido para Notre-Dame de Paris. Tomarão parte no cortejo todos os bispos e arcebispos de França, assim como o alto clero das differentes dioceses, os altos funccionarios do Estado, os corpos constituidos e a guarnição de Paris.

Depois do serviço religioso, o corpo do arcebispo será depositado nas cryptas de Notre-Dame.

— O testamento do arcebispo foi aberto pelas 3 horas da tarde de sexta-feira ultima. E' um testamento dos mais simples e recommenda que os seus funeraes se façam sem pompa.

Quanto a bens de fortuna, nenhumas disposições faz, por não os ter.

O finado arcebispo deixa, entre outros parentes, uma irmã de 80 annos, que vive em Aix, sua terra natal, e um sobrinho, sr. Sarrus, filho de uma outra irmã casada no tempo da Restauração.

*

TESTAMENTO DO CARDEAL GUIBERT

Em nome da Santissima Trindade Padre, Filho, Espirito Santo.

Eu abaixo assignado José Hypolito, arcebispo de Paris, declaro que o presente escripto é o meu testamento que quero seja fielmente cumprido depois da minha morte.

Quando Deus haja de levar-me d'esta vida, supplico-lhe pelos merecimentos de seu filho nosso redemptor e pela intercessão da Santissima Virgem, dos Anjos e dos Santos, que me perdoe os meus peccados e receba a minha alma na sua santa misericordia.

Desejo que os meus funeraes sejam feitos com a maior simplicidade e que se dê aos pobres o que se pretendesse consagrar a pompas inuteis e estereis para a minha alma.

Pouco encontrará o meu legatario em haveres, a não ser uma mobilia modesta e de limitado valor. Um bispo cercado de necessidades, que ama os pobres como sua familia, não póde possuir economias.

Peço-lhe que distribuia á sua vontade alguns d'esses objectos aos meus proximos parentes e amigos particulares, unicamente como recordação minha, rogando-lhes que peçam a Deus por mim.

Se quizerem collocar uma inscripção no logar do meu repouso desejo que seja concebida n'estes termos:

Hic jacet Josephus Hypolitus Guibert, Archiepiscopus, Parisiensis, expectans beatam spem et adventum gloriae magis Dei et Salvatoris nostri Jesu Christi, qui reformavit corpus humilitatis nostrae, configuratum corpori claritatis suae.

Feito em Paris a 24 de junho de 1873.

-I- *J. Hypolito Guibert.*
Arcebispo de Paris.

A minha querida irmã madame Scarruz, que é excellente christã e muito piedosa, não espera de mim cousa alguma e comprehenderá certamente por que lhe não deixo nada.

Espero encontral-a no ceu assim como meu sobrinho e nossos proximos parentes.

-I- *J. Hypolito Guibert.*
Arcebispo de Paris.

A Universidade de Bruxellas.—Depois do incendio de uma fabrica de calçado, que ficou quasi toda destruida, Bruxellas teve tambem a fatalidade de vêr a sua Universidade presa das chammas. O incendio rebentou pela 1 hora da tarde do dia 7 do corrente, ateando-se com tal violencia que em menos de meia hora a grande sala academica achava-se destruida, assim como outros compartimentos da ala esquerda do edificio, perdendo-se algumas collecções preciosas, entre outras a collecção mineralogica que apezar de deficiente era no entanto importantissima. Como o fogo principiasse a invadir a bibliotheca, alguns estudantes trataram de salvar os livros preciosos que ella encerrava com uma coragem e um heroismo dignos de toda a admiração. Quando haviam salvado d'este modo mais de metade dos livros, algumas pessoas, vendo que o tecto da sala estava prestes a desabar gritaram aos estudantes:

— Desçam, salvem-se, o tecto vai cahir!

Foi o que effectivamente succedeu; mas felizmente os dous ou tres estudantes que ainda se achavam na bibliotheca, haviam saltado para o peitoril das janellas, esquivando-se assim ao perigo. Pouco depois eram d'alli tirados por meio de escadas de salvação que os bombeiros adaptaram ás janellas.

O fogo principiou então a ameaçar as collecções scientificas da faculdade de medicina. A' vista do perigo que corriam estas collecções, os estudantes, cheios da maior abnegação, trataram de as salvar, o que effectivamente fizeram, tecendo-lhe por esse motivo os jornaes de Bruxellas os maiores elogios.

Quando os bombeiros conseguiram dominar o incendio, verificou-se que os estragos haviam sido de grande importancia, sendo considerado o incendio da Universidade como um desastre terrivel. A Universidade de Bruxellas é uma das instituições mais populares d'aquella capital. Bruxellas tinha orgulho d'ella por a ter fundado em 1834 e feito prosperar sem a intervenção do Estado. Alguns homens de espirito liberal bastaram para que fosse levada por diante tão bella iniciativa, sendo aberta uma subscripção publica que deu os melhores resultados. No primeiro anno, 1834, matricularam-se 94 estudantes, mas este numero augmentou a ponto de em 1884 se matricularem 1:686 estudantes. Este numero augmenta de anno para anno, havendo muitos estudantes estrangeiros.

As filhas da princeza de Galles.—A rainha Victoria, de Inglaterra, acompanhada das princezas Luiza e Beatriz, passou ultimamente revista ás tropas da guarnição de Londres.

N'esta revista o que chamou mais especialmente a attenção foi a princeza de Galles, que, na companhia de suas tres filhas, todas em traje de amazonas, passaram á frente das tropas no meio de um brilhante estado-maior, por diante da rainha, causando a mais nova das princezas geral admiração pela maneira como se segurava na sella e pelo seu sangue-frio em guiar um fogoso cavallo, que inspirava sérios receios aos officiaes que a acompanhavam e á multidão fóra presencear o espectaculo da imponente revista militar.

As joias do rei da Baviera.—Procedeu-se ha pouco, em o castello de Berg, ao inventario das joias deixadas por Luiz II. Encontraram uma quantidade enorme de brilhantes, e outrao pedras preciosas, anneis, cadeias, relogios e outros objectos, constituindo todas uma grande fortuna. Nos outros castellos ha tambem muitas joias de subido valor.

Colonia Sá da Bandeira.—Escrevem de Mossamedes que esta colonia prospera. Cada habitante tem a sua horta, tem lindas plantações de cereaes e batata e arroteia vastos terrenos para sementeira. Foi dada a cada colono uma junta de bois e os seus moradores actualmente são 450.

A população de Madrid.—Segundo os dados estatisticos ultimamente publicados, ao effectuar-se o primeiro censo da população de Madrid, e do anno de 1787, inscreveram-se na capital de Hespanha, 147:563 habitantes; no censo de 1860, figura Madrid com 293:426; este numero elevou-se a 397:816 em 1877, e em 1884 o resultado total foi de 415:366 habitantes.

De modo que no espaço de um seculo, Madrid triplicou a sua população e actualmente não ha na Europa mais de dez cidades que se lhe avantagem em numero de habitantes, a saber:

Londres, com 3.953:814 habitantes; Paris, com 3.260:023; Berlim, com 1.122:330; S. Petershurgo, com 876:575; Vienna, com 726:105; Constantinopla, com 700:000, aproximadamente; Moscow, com 611:974; Liverpool, com 566:753; Glasgow, com 515:589; e Napoice, com 494:314 habitantes.

Em Hespanha, a cidade que mais se approxima de Madrid, quanto a numero de habitantes é Barcelona, e todavia, a capital do Principado não representa mais 63 por 100 da de Madrid, mesmo tomando por termo de comparação os dados do censo de 1877. A de Valencia constitue 36 por 100, a de Sevilha 34, a de Malaga 30, a de Murcia 23, a de Saragoça 21, a de Granada e a de Cartagena 10, a de Cadiz e Xerez 16, a de Palma 15 e a de Lorca e Valladolid 13. Dos restantes municipios nenhum chega aos 50:000 habitantes.

Madrid occupa uma extensão superficial de 1:468 hectares, de modo que só em Paris, entre as cidades europeias, cuja superficie é conhecida, está mais agglomerada a população de que em Madrida, porque na capital de França ha 291 habitantes por hectare e 271 em Madrid. Em Veneza correspondem a cada hectare 241 habitantes, 189 em Berlim, 152 em Turim, 150 em Budapest, 148 em Milão, 133 em Munich, 131 em Vienna, 128 em Londres, 87 em Lyon, 76 em Dresde, 67 em Hamburgo, 58 em Genova e 40 em Florença.

Não deixa de ser opportuno indicar que a superficie de Londres é vinte e duas vezes maior que a de Madrid, cinco vezes mais que a de Paris e quatro vezes mais que a de Berlim.

O alfaiate dos corcundas.—Em Paris, entre os ociosos do *boulevard*, vê-se todos os dias de bom tempo um sujeito de edade madura, mas sempre muito bem e elegantemente vestido, parecendo satisfeito da sua sorte.

Dir-se-ha, pelo menos á primeira vista, que é um proprietario de nascença; mas não é.

Ha uns vinte ou vinte e cinco annos existia um pobre diobo, alfaiate de escada, o qual não podia vegetar perante a concorrencia que lhe faziam os grandes estabelecimentos; este pobre diabo, porém, teve uma bella manhã uma inspiração, que realisou incontinente. Fez imprimir prospectos e pessoalmente tratou de os distribuir, escolhendo com todo o cuidado os destinatarios. Os prospectos começavam assim:

«*Fatos por medida. Especialidade de corte para corcundas*, etc.»

Poucos dias depois era immenso o numero dos marrecas que entravam na loginha d'elle.

Prosperou, pois, successivamente, e annos depois passava a casa, porque já estava rico. O manequim do seu estabelecimento havia sido talhado com muita arte, tendo protuberancias postiças para satisfazer a todos os freguezes, affeiçoando-as segundo a necessidade de cada um d'elles, e a sua fórma defeituosa.

Foi assim que enriqueceu em pouco tempo.

Caminho de ferro com luz electrica.—A direcção dos caminhos de ferro de Francfort sur Mein anda fazendo ensaios relativos á illuminação electrica nas suas carruagens. O comboyo de experiencia compõe-se de tres wagons de passa-

---

de joelhos, com uma trovoada tão forte! Valha-me Deus, Senhor! Que alma aquella, tão temente a Deus. (*Ajoelha ao lado do Padre, pousando o chapeu no chão*)

Padre José.—Ouvi as nossas preces, Senhora do Amparo. Apiedae-Vos d'aquella pobre mãe. Alagaram-se-lhe os campos e o albergue! Arrazou-se-lhe a choupana em que vivia! Oh! anjo de bondade suprema! Valei aos desamparados! Accudi-lhes por compaixão. (*Levantando-se e encontrando Leonardo*) Ainda aqui, Leonardo! Não tinhas ido já para a capella?

Leonardo.—Como a trovoada veio crescendo... eu tive medo... e... ia para casa. Mas como o sr. padre José estava aqui... fiquei-me á sua espera.

Padre José.—Valha-te Deus, meu filho. Pois onde podias tu estar mais seguro, do que aos pés d'Aquelle, que tudo póde e tudo manda? E' Elle quem desencadeia os elementos e quem suspende a furia das tempestades. Para que havias, pois, de fugir da capella? Vamos, Leonardo, vem comigo, e verás como o teu espirito ficará tranquillo e socegado.

Leonardo.—Vou, sim senhor. Eu vou com v. s.ª Para onde fôr o sr. padre José tambem eu vou, que eu quero andar com a graça do Senhor. (*Entram na capella.—A scena fica deserta por algum tempo Desencadeia-se uma trovoada horrivel. Ouve-se o orgão da capella, que executa uns acordes de musica religiosa.*)

SCENA V

CARLOS (*pela E. M.*) E ROSA (*pouco depois*)

Carlos.—Jesus! que temporal ahi está! (*Ouvindo o orgão.*) Preces na capella?!

Rosa. (*do patamar*)—Carlos! Carlos! tu aqui?

Carlos—Oh! minha adorada Rosa! (*Vae recebel-a ao F. da escada*).

Rosa.—Arrostar assim com as furias da tempestade, com as inclemencias do vendaval! Foi uma temeridade que podia custar-nos muito!

Carlos.—Se eu tinha presa aqui a alma... a vida, que querias tu que fizesse, Rosa? Que te deixasse só, no meio de tantas desgraças, com a nossa filha apertada contra o peito, sem um braço que podesse arrebatar-te ao seio das correntes, que tem assolado os nossos campos, e destruido as nossas casas? Chamava-me o dever e a consciencia, e a voz do coração que brada bem alto, que se não occulta, que se não esconde. Vim, e resolvido a levar-te, Rosa, e á nossa querida Celeste. E' preciso que partamos d'aqui, que fujamos aos horrores d'uma innnndação medonha, que tem levado o infortunio e a miseria a toda a parte, que tem envolvido em lagrimas as classes trabalhadoras do paiz. Oh! E' forçoso que nos salvemos, Rosa.

Rosa.—Como?

Carlos.—Fugindo.

Rosa.—Para onde?

Carlos.—Para Lisboa.

Rosa.—Oh! meu Deus! E teu pae?

Carlos.—E que me importa meu pae? Quem póde impôr leis ao coração humano? Quem póde esmagar os sentimentos mais santos, os nossos mais puros affectos? Oh! d'esta vez, meu pae não se oporá ao nosso casamento. Porque, no momento em que tentasse fazel-o...

Rosa.—Olha que vaes fallar de teu pae, Carlos. E se elle não consente a nossa união, queixo-me apenas de mim. Para que olhei eu para tão alto, sem pensar que o preconceito social havia de erguer-se entre nós, como a estatua da expiação, sem me lembrar de que o estimulo de classe havia de fortalecer a vontade de teu pae, e acordar-lhe no espirito fidalgo o odio á desgraçada plebeia, que tentou aproximar-se-lhe do sangue? Oh! Carlos! Deus me perdôe a allucinação que me matou, e te perdeu por mim!

Carlos.—Não falles de perdição, quando estiveres a meu lado. A chama que nos atrahiu para o abysmo, impelliu-nos a ambos por egual. Mas os abysmos do amor tem umas reverberações de luz, que a mão de Deus transforma em auroras de redempção. Do seio da voragem, que nos arrastou até aqui, sahiremos imaculados e puros, porque o amor salva e redime, não avilta nem perdem, que o sente como eu sinto, n'este sacrario que é só teu. (*Ouve-se um murmurio d'orações, que pouco depois emudece. Continua a ouvir-se o orgão, d'espaço a espaço*).

SCENA VI

OS MESMOS, PADRE JOSÉ, E *depois* O POVO

Padre José (*sahindo da capella*).—Por aqui com estes temporaes, Carlos? Estranho a sua presença.

Carlos.—Como vae, sr. padre José.

Padre José.—Afflicto, Carlos; afflicto com tão grandes desgraças. O peso é muito para tão debeis forças, e eu não sei como resisto a tão violentas emoções.

Carlos.—O tempo vae mal para todos.

Padre José.—Ricos e pobres soffrem, mas estes mais que aquelles, porque menos são os seus meios de subsistencia, e menos vastos os recursos de que dispõem. Os ricos lamentam a perda de valiosas colheitas. Mas os pobres choram a sua ruina total, porque não perderam só o que tinham lançado á terra, senão muitos as proprias habitações, e com ellas tudo o que constituia a sua fortuna. Corre desgraçada a epocha para todos, e o peor mal não è o d'hoje. O passado não deixou de si grata memoria. O presente vae estendendo por toda a parte um sombrio colorido d'agonias; e o futuro... o que será o futuro, Carlos? Sem pão as nossas arcas, sem lume a nossa lareira... o que será de nós se o Senhor nos não acóde? Onde se refugiarão os homens quando a terra se tornou um abysmo, se os não accolher o manto da Divina Bondade?

Carlos.—Em Lisboa, o quadro é horrivel. A innundação avança e o rio apresenta um aspecto medonho. Imagine, meu amigo, que vasto mar será o Tejo, coberto de mastros, de pranchas, de restos de navios destruidos pela tormenta! Oh! o espectaculo aterra! As vagas salvam as amuradas dos navios; as amarras cedem á violencia da corrente; os naufragios succedem-se d'instante a instante; os cadaveres boiam á flor das ondas, como se podessem, fluctuando, dizer aos paes, aos filhos, ás esposas, o derradeiro adeus da existencia. Nem eu posso dizer-lhe o que vi, padre. O que se tem passado nos ultimos dias, não é um facto vulgar na historia das grandes calamidades. E' um cataclysmo que arruina o paiz, e cujas consequencias terão de reflectir-se por muito tempo em todos os elementos do nosso organismo social.

Padre José.—E entre tantas desgraças, não ha quem saiba comprehender os augustos deveres da caridade?

Carlos.—Oh! Não faltam ali heroes, que se batem valentemente com a morte, na lucta homerica da abnegação e da generosidade. Não falta quem se arroje ao profundo abysmo das aguas, para pagar com a propria vida, a vida do seu similhante. Portugal é a patria dos grandes, dos magnanimos, e dos fortes.

Padre José.—Oh! Consola o coração ouvir fallar assim d'este povo que foi sempre tão generoso e tão nobre.

Carlos.—Mas d'entre elles, o mais heroe de todos os heroes, é aquelle que se occulta nas sombras da noite para que lhe não vejam as azas brancas, e vôa de lar em lar, levando a consolação aos tristes, e a alegria aos famintos; poisando, como a pomba da misericordia, ao canto da lareira escurecida, e deixando no regaço das creancinhas, a vida, as flores, a luz e a esperança, O mais distincto de todos os heroes, n'este combate entre a vida e a morte, é aquelle a quem o povo chama já o *Anjo da Caridade*, que estende o seu manto azul por sobre o casal sem tecto, e leva ao seio dos desgraçados a ventura, a luz, e a paz. Fallo de S. M. a Rainha.

Padre José (*surprehendido*).—A Rainha?

Carlos.—Sim, padre, a Rainha. E' ella quem passa as noites ajoelhada aos pés da Cruz, no recato da mais fervente oração, pedindo a Deus pela felicidade do povo, de quem é mãe protectora.

Padre José (*sobindo e dirigindo-se ao povo, que vem sahindo da capella*).—Vinde, meus filhos: vinde ouvir o nome augusto da mãe dos infelizes. Vinde, que é preciso que o saibaes de cór, para que vos curveis na sua passagem, se alguma vez tiverdes a ventura de a ver passar perto de vós. Falle, Carlos: Diga a esta pobre gente que a sua Rainha vela noites inteiras, orando ao Senhor pelos infelizes. Diga-lhe, e bem alto, que ella se esconde nas trevas, e vae de porta em porta deixar sorrisos onde havia lagrimas, e matar a fome a quem não tinha pão. Falle-lhe o sr. que viu correr, de bocca em bocca, esse cognome sublime, que traduz, na sua singeleza, uma epopeia de glorias. Diga-lhe que conhece bem a historia d'este povo heroico, e que em nenhuma das suas paginas d'oiro encontrou acções tão grandes, ou feitos de tão assignalada nobresa christã. Falle, Carlos: diga o que viu por Lisboa.

Carlos.—Um tenebroso quadro de devastação e de miserias. Pobres sem arrimo, creanças sem amparo, cadaveres aboiados na corrente, o desespero em muitos, e o desalento em todos. Lisboa ameaçada pelo mar, que se revolve aterrador no seu leito tumultuoso. Lamentações por toda a parte, gritos d'afflicção, suspiros de moribundos, muitas lagrimas perdidas n'aquelle mar d'angustias... Oh! nem eu sei o que vi, padre. A desgraça a bater a todas as portas, salteando como um ladrão os casaes dos pobresinhos, enchendo do luto da orphandade muitos anjos pequeninos... Que querem que lhes diga mais?...

Padre José.—E a Rainha...

Carlos (*interrompendo-o*).—A Rainha furta-se ao delirio da vida palaciana, occulta-se aos ruidos de admiração, que de toda a parte innundam de bençãos o seu nome piedoso, para soccorrer os infelizes com os extraordinarios rasgos d'aquelle coração magnanimo. Travou, em nome da caridade, a lucta da philantropia, derrotando em toda a linha esse vigoroso inimigo, que leva nas vozes da tormenta o seu pregão de guerra, desbaratando, destruindo, aniquilando a fortuna de muitos pobres. Com que es-

geiros (1.ª, 2.ª e 3.ª classes) e de um *fourgon* de bagagens.

N'uma das extremidades d'este wagon ha um compartimento especial onde está installada uma machina dynamo electrica do typo Moehring e na outra extremidade os accumuladores encerrados em uma caixa.

Uma série de correias transmitte o movimento das rodas do wagon á machina dynamo-electrica, permittindo obter, em uma velocidade de 30 a 70 kilometros por hora, uma velocidade de 700 voltas por minuto para a machina dynamo-electrica.

Quando o comboyo vai em grande velocidade, a carga dos accumuladores effectua-se com as lampadas em circuito e quando segue em velocidades inferiores a 30 kilometros, as lampadas são alimentadas pelos accumuladores.

Um commutador automatico varia, segundo é necessario, a marcha das correntes. Durante o dia, as lampadas estão fóra do circuito e a machina dynamo electrica carrega os accumuladores. A carga do wagon, resultante d'esta installação, machina, commutador e mais apparelhos, é de 600 kilogrammas, e a despeza d'esta installação regula por cerca de 500$000 réis. E illuminação é composta ao todo de doze lampadas de incandescencia, sendo duas no *fourgon*, duas na carruagem de terceira e quatro em cada uma das restantes. A despeza com a montagem da illuminação em cada wagon regula por 14$400 a 15$000.

Está verificado que o mesmo gerador poderá facilmente alimentar mais duas carruagens além das que lhe foram destinadas na experiencia.

Durante os ensaios a luz tem-se conservado perfeitamente fixa, tanto durante a marcha com velocidades variaveis, como durante as paragens nas estações.

Na occasião da partida ou da paragem do comboyo, nota-se uma pequena oscillação na luz, motivada pela commutação automatica que tem lugar n'esse momento.

Hoje, o estado de conservação dos accumuladores está tão completo como no primeiro dia das experiencias. A média da despeza de exploração foi avaliada em 18 reis por lampada e por hora.

A historia do guarda-sol.—A origem do guarda-sol ou do guarda-chuva vem de longa data. Segundo um jornal estrangeiro, o unico preservativo em uso contra a agua do céu e o sol é devido aos chinezes que o inventaram e o conheceram muito annes de nós.

Da China passou ás Indias, das Indias á Grecia, e a legenda diz-nos que Pythagoras ensinava os seus discipulos protegendo a tabeça com um guarda-sol contra os ardores caniculares.

Resulta de uma passagem de Diodoro da Sicilia que a célebre Aspasia possuia magnificos *skiadions* de verão e de inverno (*skiadion* significa guarda-chuva).

Entre os romanos, o guarda-sol era o ornamento dos ricos patricios e fazia parte do enxoval dos matronas. Entre os presentes offerecidos por Antonio a Cleopatra achava-se um guarda-sol.

Da Africa e das Indias, o guarda-sol foi importado na Europa pelos portuguezes. De Portugal passou á Inglaterra e fez a sua apparição na côrte de França no meiado do seculo XVII.

O guarda-sol de nossos paes, construido com grandes reforços de baleia e de armaduras de cobre, pesava cinco kilogrammas e não era facil de manejar.

No tempo da revolução franceza, o guarda-sol servia ás multidões para protestar. Branco em 1788, tornou-se verde em 1789, vermelho em 1791 e azul em 1804. Hoje as côres vivas são raras, e os guarda-soes são geralmente de côr escura.

ALGUMAS PALAVRAS

ÁCERCA DA ORGANISAÇÃO DE UMA SOCIEDADE OU COMPANHIA EXPLORADORA DA RIA D'AVEIRO

(Continuação.)

AGRICULTURA

Quem uma vez tenha percorrido a ria de Aveiro, por pouco que se haja embrenhado n'esta especie de labyrintho aquatico, deve necessariamente haver notado a grande quantidade de ilhas, ilhotes e baixios que resaltam a cada momento, espalhados por toda a enorme superficie da bacia.

A maior parte d'estes terrenos é hoje de propriedade particular e ou está applicada á industria do sal ou á producção espontanea de plantas aquaticas incluidas na denominação geral de moliços. Nada temos com estes, cujo rendimento os seus donos teem o pleno direito de regularem como melhor entenderem.

Mas, ha ainda muitos outros, representando grandes superficies, entregues a uma producção espontanea ou nulla, quando são susceptiveis de serem convertidos em magnificos e fertilissimos prados.

Estes terrenos não teem dono; são baldios. Isto é, pertencem ao Estado e estão no dominio do publico, sendo usufruidos em plena liberdade por qualquer que queira aproveitar-se dos seus productos, sem que tenha de obedecer a lei alguma, regulamento, ou principio de egualdade que lhe marque até onde chegam os direitos de cada um. O producto d'estes terrenos é positivamente só de quem mais apanha, e não poucas vezes se travam sérias desordens por questões de preferencia.

Os povos de Mira, que não são ribeirinhos, nem mesmo pertencem ao districto de Aveiro em que se acha incluida a ria, são os que mais exploram estes terrenos, colhendo o moliço que n'elles se cria.

A ausencia completa de policia na ria e a certeza da impunidade leva-os a commetterem toda a casta de depradações, com uma ignorancia tal do que estão fazendo que chega a horrorisar. Milhares de factos o attestam e, quando mais não fosse, bastava o cuidado com que estão sempre os possuidores de terrenos na ria em não os verem devastados pelos *moliceiros*, e as luctas sangrentas que d'aqui se teem originado.

Tentou-se já, da parte de algumas das corporações administrativas de povoações ribeirinhas, pôr uma barreira a esta especie de torrente de desatinos que ameaça submergir e fazer desaparecer interesses vitaes para a ria. A acção isolada, porém, d'estas corporações, tem sido impotente para o alcançar, e só a acção poderosa, energica e decisiva do governo poderá abrir uma nova epoca de prosperidade e desenvolvimento a este importantissimo manancial de riqueza publica.

Voltemos porém ao assumpto de que tratamos, do qual insensivelmente nos temos desviado.

Não offerece grandes difficuldades, nem mesmo exige excessivas despezas a transformação dos terrenos de que fallamos—geralmente sapaes ou praias cobertas de uma vegetação propria aproveitada unicamente para adubos agricolas—em terrenos araveis e de grande fertilidade.

Formados como são de terras de alluvião moderna em que predominam as argillas e os marnes, facil é com o addicionamento das areias, mais ou menos calcareas e siliciosas, das dunas proximas, não só eleval-os até ficarem ao abrigo de innundações, mas tambem tornal-os permeaveis á acção do ar dando-lhe a devisibilidade conveniente e mais condições favoraveis ao emprego da agricultura.

A experiencia tem mostrado que estes terrenos, quando assim preparados e beneficiados, prescindem por muitos annos de qualquer adubo para que a sua producção cerealifica seja verdadeiramente admiravel, e podem egualmente, e com immensas vantagens, ser aplicados ao estabelecimento de prados artificiaes para a engorda de gado, cujos lucros podem bem ser avaliados pelo grande desenvolvimento que esta industria tem tomado no norte do paiz e até entre nós.

Abundam em toda a ria os terrenos d'esta ordem, já isolados e formando pequenas ilhas ou ilhotes, já contiguos e em continuação de algumas das suas margens, dando logar a baixios.

Não se pode dizer que estes terrenos se acham desaproveitados, pois que, entregues como estão á producção natural de moliços, teem alguma utilidade e prestam mesmo certo auxilio á agricultura; mas o que é facto é que, com a sua saida da exploração geral, nem por isso deixa de poder ser levantada annualmente da ria a mesma quantidade, ou maior que se deseje, dos moliços que ella produz, e a reducção d'área a que esta saida daria logar, sendo insignificantissima em relação ao total da superficie productora, apenas poderia fazer sentir os seus effeitos na maior ou menor distancia a que os cultivadores dos terrenos proximos teriam de ir colher os adubos necessarios, visto como para os outros é perfeitamente indifferente ir buscal-os aqui ou alli.

A antiga lei agraria, que ainda não foi derogada e está portanto em vigor no nosso paiz, concede áquelles que enchugarem pantanos ou conquistam terrenos ás aguas, sem que d'ahi resultem prejuizos para as mesmas e para o seu bom regimen ou para o dos rios, canaes e portos que ellas alimentem, a propriedade dos terrenos conquistados.

Esta lei que é do principio do seculo actual, de 1815 salvo erro, teve o fim evidente de promover o aproveitamento d'estes terrenos para a agricultura e de dar desenvolvimento a esta nos locaes onde mais vantajoso e lucrativo se tornava o seu emprego. Encarada á luz da philosophia, revela ainda esta lei um grande alcance economico, qual era o de prover em mais larga escala as necessidades sempre crescentes da alimentação publica e em tornar productivos para o Estado terrenos que estavam fóra da lei commum do imposto.

Ora a agricultura entre nós, posto sejam innegaveis os seus grandes progressos, não chegou ainda, e está mesmo muito longe de ter adquirido um desenvolvimento tal que lhe escasseiem já os terrenos em que empregue. E se estes são muitos e representam ainda superficies enormissimas, parece-nos de boa razão que se trate primeiro de aproveitar os que mais vantagens e lucros immediatos podem offerecer, deixando que o andar dos tempos e o progressivo augmento do capital o colloque em condições de poder aplicar-se a explorações menos rendosas. Começando por uns, mais facilmente chegaremos aos outros.

Entre os que mais vantagens e maiores lucros immediatos podem offerecer ao emprego da agricultura, figuram incontestavelmente os terrenos da ria d'Aveiro, a que nos vamos referindo. O seu valor hoje, no estado de producção em que estão, é como já vimos de 600$000 reis por hectare, termo medio, ao passo que transformados ficam em melhores condições do que os tidos como mais productivos nas immediações d'Aveiro e cujo valor não é inferior a 1:500$000 reis por hectare.

As despezas de transformação, ainda nos casos menos favoraveis, não devem exceder a 400$000 reis por hectare, resultando portanto d'ella um augmento de valor de 500$000 reis em cada hectare, ou mais de oitenta por cento do seu valor primitivo.

Julgamos pois digno de toda a attenção este methodo de exploração dos terrenos da bacia salgada de Aveiro, e de muito proveitosos resultados a sua adopção pratica.

(*Continua.*)

MOSTEIRO DE AROUCA

II

Antes de continuarmos a historiar o que foi o mosteiro, vamos notar algumas das inexactidões em que cahiram os nossos collegas do *Commercio do Porto*, *Jornal da Manhã*, *Commercio Portuguez*, *Dez de Março* e *Jornal do Porto* a proposito do mesmo.

Todos mais ou menos tomaram como guia o *Portugal antigo e moderno* do nosso fallecido amigo Pinho Leal, e n'isto andaram mal avisados como tambem já nós em tempo o andamos, seguindo-o, pois estão longe da verdade a mór parte dos factos que elle relata a proposito do mosteiro.

Todos aquelles nossos collegas são concordes em que a rainha D. Mafalda viveu setenta annos no mosteiro d'Arouca, fixando para isso a data do seu fallecimento em 1 de maio de 1290. Isto não é verdade.

A santa rainha veio para Arouca em 1220 (1), e fallecendo como falleceu em 1256 não podia viver alli setenta annos, esteve quando muito apenas trinta e seis, pois nãe obstante fr. Bernardo de Brito affirmar tambem que falleceu em 1290, differentes documentos coèvos vem em abono do seu sabio continuador Antonio Brandão, que diz que ella fallecera em 1 de maio de 1256 pois que «*assim ficou em memoria do livro dos Obitos de Santa Cruz de Coimbra e se colhe das Escripturas do Mosteiro d'Arouca as quaes todas d'este anno* (*1256*) *em diante suppõem morta a mesma rainha.*» (*Monarchia Lusitana* Liv. XV cap. XXI.)

O illustrado prégador regio e nosso presado collega o sr. Francisco José Patricio, escrevendo apropósito do mosteiro d'Arouca (*Jornal da Manhã*, n.º 187 de 9 do corrente) uma curiosissima noticia, que tencionamos transcrever na integra n'um dos proximos numeros, diz:

«Regressando de Hespanha a rainha D. Mafalda, que voltava ao reino em 1220 disposta a abandonar a côrte e abraçar a profissão monastica, D. Affonso II lhe designou esta casa para recolher-se á vida ascetica.

Com o rico patrimonio que possuia esta piedosa princesa enriqueceu o mosteiro, compôz pleitos, desembaraçou pendencias, e conseguiu de Honorio III a bulla expedida de Latrão em 1224 para reforma da regra que passava a ser cisterciense.»

D. Affonso II não designou á irmã o mosteiro de Arouca para ella se recolher, quem por assim dizer lh'o designou foi seu pae el-rei D. Sancho I, legando-lh'o em testamento, como legou. Honorio III tambem não reformou a regra observada pelas habitadoras do mosteiro que, era a de S. Bento, nem mesmo parece que a rainha D. Mafalda chegasse a ter essa velleidade, o que, ella pediu foi que o convento passasse para a ordem de Cister (S. Bernardo), e isto obteve-o, não por uma bulla de Honorio III mas sim por uma licença do bispo de Lamego D. Paio Furtado, que diz:

Payo pela Misericordia de Deus....

«Fazemos saber que como o mosteiro de S. Pedro de Arouca, de Monjas do habito negro, não só no temporal mas tambem no espiritual estivesse deminuido; a Rainha D. Mafalda, Padroeira d'elle e a Abbadessa e convento nos pediram lhes concedessemos que d'aqui em diante mudando o habito vivessem na observancia e rigor da Ordem de Cister. Nós louvando em o Senhor seu proposito lhe concedemos o que pediram, e damos ao dito mosteiro toda a isenção e liberdade (quanto em nossa mão cabe) que teem os mosteiros de Cister em outros bispados.» (*Monarchia Lusitana*, Liv. XV cap. XXI, e *Historia ecclesiastica do bispado de Lamego*, por D. Joaquim de Azevedo, Porto 1878, pag. 38.)

A bulla de Honorio III a que se refere o nosso collega, teve por fim confirmar um escambo feito entre a rainha D. Mafalda e o bispo D. Paio Furtado em que este cedeu da jurisdição que tinha no convento e pelo que recebia annualmenseis *aureos* em troca de tres casaes em Paiva que a rainha lhe doou.

Diz mais o sr. Padre Patricio:

«A educação mistica e o gosto pela vida contemplativa e penitente chamavam a illustre princeza para a vida do convento; mas a obediencia aos preceitos impostos pela sua elevada gerarquia levaram-a a fazer o sacrificio de acceitar a mão do esposo que lhe offerecia um joven a quem a sorte havia destinado para ser o monarcha de Castella; com adoravel resignação accedeu D. Mafalda e partiu para a côrte em que tinha de reinar; mas a morte prematura de D. Henrique restituiu a liberdade à princeza, que voltou para o seu paiz a consagrar-se toda ao ascetismo.»

D. Henrique I quando desposou a rainha D. Mafalda já era rei de Hespanha não obstante contar apenas dez annos, e não foi elle tambem que lhe offereceu a mão de esposo; quem se encarregou d'essa missão foi seu tutor o conde Alvaro Nuns de Lara. Tambem não foi a morte prematura de Henrique I, succedida em 1217, em resultado d'um desastre, que restituiu a liberdade á princeza, foi uma bulla de Innocencio III que annullou o seu casamento, segundo se diz, a pedido da irmã do rei a celebre rainha de Leão Berengaria, e sob o pretexto de proximo parentesco.

D. Mafalda já estava portanto livre antes da morte do marido para poder entrar no mosteiro se assim o quizesse, e tanto o estava que o conde D. Alvaro Nunes a quiz desposar.

.....

Diz tambem o sr. padre Patricio referindo-se a D. Mafalda:

«Durante 70 annos que viveu no mosteiro de Arouca exerceu as mais preclaras virtudes, fez muitas peregrinações piedosas, interveio em muitas contendas levantadas entre o clero e a côrte, instituiu barcas de passagem e ergueu pontes sobre alguns rios, fundou albergarias e hospicios para soccorro dos viandantes e falleceu no convento de Rio Tinto quando ia em jornada para a sua habitação permanente de Arouca.»

De que D. Mafalda não viveu 70 annos em Arouca já dissemos o bastante para provar o contrario, agora emquanto á sua intervenção em contendas entre o clero e a corte, temos a dizer que quem interveio foi o clero em favor d'ella contra o rei D. Affonso II, quando este lhe quiz tirar as terras que seu pae lhe deixára, e isto, foi muito antes de ella vir viver para Arouca, foi antes do seu casamento com Henrique I. (Alexandre Herculano—*Historia de Portugal*, tomo II liv. IV e nota VIII; Rebello da Silva—*Quadro elementar das relações diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo*, tomo IX—(Reinado de D. Affonso II.)

Tambem não foi a rainha D. Mafalda que instituiu as barcas de passagem, ergueu pontes e fundou albergarias, etc.

Aqui, o nosso collega cahiu no mesmo erro em que já cahiram outros escriptores, atribuindo á filha de D. Sancho I o que foi feito por sua avó paterna D. Mafalda de Maurianna, mulher d'el-rei D. Affonso Henriques. Podiamos citar muitas testemunhos em abono d'esta verdade, mas como nos não podemos alongar, remettemos o leitor para a magnifica obra do sr. Frederico Francisco de la Figaniére, *Memorias das Rainhas de Portugal* onde se encontra a prova plena do que affirmamos.

Diz o *Dez de Março* e bem assim o *Jornal do Porto*:

«O convento possue ou possuia preciosos manuscriptos. Em 1860 Alexandre Herculano foi alli por ordem do governo examinar o archivo e, segundo consta, trouxe para Lisboa importantes documentos para a sua *Historia de Portugal*.»

Não foi em 1860 que Alexandre Herculano examinou o archivo d'Arouca nem tão pouco os documentos que de lá trouxe eram destinados á sua *Historia de Portugal*.

O grande historiador fez aquelle exame em 22 e 23 de julho de 1854 e os documentos que alli escolheu eram destinados ao Archivo Nacional da Torre do Tombo onde se guardam hoje. Taes documentos, porém, em nada o auxiliaram para escrever a sua *Historia de Portugal*, pois o tomo IV e ultimo d'este monumento já então estava publicado, pois appareceu em 1853. A publicação a que Alexandre Herculano destinava os documentos de Arouca como tantos outros que colleccionou nos differentes archivos do reino era ao *Portugaliæ Monumenta Historica*, vastissimo repositorio de documentos desde o seculo VIII até o fim do seculo XV, que se divide em tres grandes divisões: *Escriptores—Diplomas e Cartas—Leis e Costumes*, e que se está publicando sob a direcção da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Alexandre Herculano tambem não levou comsigo para Lisboa os documentos de Arouca, como se deprehende da noticia que deixamos transcripta. Lembrou-se, quando visitou o archivo do mosteiro, a apontar os documentos que julgava deverem ser depositados na Archivo Nacional de Torre de Tombo, e nada mais.

Referindo-se a este mesmo assumpto, escreve Pinto Leal: «Alexandre Herculano trouxe d'ali uma carga de papeis velhos que escolhidos por individuo tão competente, de certo haviam de ser importantissimos. Não foram ainda restituidos ao mosteiro, nem o devem ser; porque havendo ali actualmente (1873) só tres freiras, está aquillo a acabar, e toda e papelada do convento será provavelmente espatifada. Ao menos os que estiverem em poder do sr. Herculano serão salvos do cataclysmo inivitavel aos outros.» (*Portugal antigo e moderno*—tomo I—Arouca.)

Pinto Leal não fallou com mais verdade do que o *Dez de Março*, pois Alexandre Herculano não só não levou comsigo os documentos alludidos mas tambem não os teve em seu poder. Uma portaria de 11 de setembro de 1857 ordenou a remessa para o Archivo Nacional de todos os documentos escolhidos nos archivos das mitras, cabidos e conventos e collegiados anteriores a 1279 por ordem da segunda classe da Academia Real das Sciencias, escolha esta que havia sido feita por Alexandre Herculano. Foi em cumprimento d'esta portaria que deram entrada no mencionado archivo os documentos d'Arouca em agosto de 1859. Segundo esta mesma portaria devia o governo resolver em tempo opportuno se os documentos pedidos deviam ser alli conservados ou restituidos aos cartorios onde se achavam. Esta resolução tomou-se depois por decreto de 2 de outubro de 1862, em que se ordenou que os archivos ou cartorios de todas as egrejas e corporações religiosas, comprehendidas no artigo 5.º da lei de 4 de abril de 1861, fossem transferidos para o Archivo N... da Torre do Tombo e n'elle in... das sendo esta transferencia apen... relação ao anno de 1600. O m... de Arouca estava comprehendido n'a... le artigo por isso os documentos qu... aqui foram não podiam ser restituid... como o não foram. Estão onde devem es... tar, mas nunca estiveram em poder de... Alexandre Herculano como falsamente se affirmou. Em poder das religiosas é que estavam, segundo nos informam, documentos valiosos, em tempo subtrahidos do archivo do mosteiro e que agora diziam ser propriedade particular, quando o não são. Bom seria pois que se procedesse a averiguações n'este sentido, afim de não serem defraudados os estudiosos.

Já que estamos em maré de ratificações, diremos tambem que não é verdade o que affirmam os srs. Fonseca Benevides no seu livro *As Rainhas de Portugal* e Antonio Ennes no 1.º vol. da sua *Historia de Portugal* publicada pela «Empreza Litteraria de Lisboa», visto que a rainha D. Mafalda não está ainda canonisada, quando é certo que o foi por Breve de Pio VI, de 27 de julho de 1792. E a proposito d'isto convém notar, que tambem os nossos collegas da imprensa periodica erraram a data d'este Breve, que affirmaram ser de 10 de janeiro de 1734 quando é certo que n'esta epocha ainda Pio VI não havia subido ao solio pontificio, pois só foi papa em 1775.

MARQUES GOMES.

Communicados

Sr. redactor do Campeão das Provincias.—Vi o desmentido que me dirigiu no seu jornal de 7 do corrente, e em resposta cumpre-me dizer-lhe, que não foi com má fé, como v. supoz, que eu disse no *Povo de Aveiro*, que a redacção do seu jornal não se dignou publicar a minha carta. Não vi o seu jornal de 19 de junho; porque no dia em que aqui foi distribuido estava eu fóra da terra, e quando voltei já elle não estava pelo terem mandado para outra parte; perguntei se n'elle vinha inserta a minha carta, e como me disseram que a não viram, esperei os numeros seguintes, e como n'elles não viesse supuz que a não publicaria. Agora vejo pela sua affirmativa, que a dita minha carta foi com effeito publicada no dito seu jornal, o que muito lhe agradeço, e peço desculpa o engano.

De v. etc.

Albergaria 12—7—86.

José Luiz Ferreira.

Banhos de Ledesma 4 de julho de 1886.

Sr. redactor.—O motivo que me leva agora a incommodar a v. não é o proposito de inculcar-me algum Quichote de la Mancha, mas sim o dever imperioso para com os cavalheiros e senhoras que consecutivamente teem n'estes dias estacionado nos banhos. Estando aqui perto de 800 pessoas, difficil se torna apresentar uma completa resenha de todas ellas, limitando-me apenas a fazel-a unica e exclusivamente do sr. administrador D. Ramon Falcó, e do sr. medico director D. Anastacio Garcia Lopes: a este pela sua educação esmeradissima e saber distincto, com venia de sua galante esposa a ex.ma sr.ª D. Victoria Garcia Lopes, pelo trato affavel que a todas as senhoras dispensa com a maior lhaneza e primor, tendo de agradecer-lhe a mais a preferencia por minha filha. A'quelle uma descripção succinta de suas maneiras e trato sincero e leal, a par das melhores comidas e commodidades de que pode fazer servir os alojados no estabelecimento segundo as classes e intenções em despender, de modo que nos colloca em perenne recordação, proporcionando aprasiveis recreios e jardins, além de exercicios musculares e passatempos puerís, podendo affirmar-se que tudo se deve classificar como bom e agradavel.

Não sou competente para fazer uma analyse completa d'estes banhos, mas por que não quero deixar passar desapercebidos seus singulares effeitos mais atinentes a milagres, direi sómente o que tenho visto e observado:

São sulfuricos; a sua mais superi... essencia tende a extirpar o rheumat... e suas ramificações, obra de moment... fim. O seu vigor é tal que se eleva a... graus, podendo mui facilmente diluir...

Sciencias

O CHA' NA ILHA DE S. MIGUEL

No dia 15 de março de 1878 inaugurava-se na alegre e pittoresca ilha de S. Miguel a manipulação do *Chá*.

No grupo das ilhas açorinas, onde occupa logar distincto, existem cavalheiros illustrados, que, por curiosidade e desejo de investigarem, importam plantas exoticas, que encontram a melhor protecção no favoravel terreno e benigno clima.

Ora, desde muito tempo que se cultivava em alguns jardins a *Thea viridis* (*Chá*); e, quando o affavel proprietario passeava, na companhia d'um amigo, pelas espaçosas ruas do seu jardim, admirando o vigor do caule das formosas plantas, apontava, exclamando:

— Aquella planta que vês, é a do *Chá!*

E via-se brilhar nos seus olhos um contentamento inexplicavel.

Foi esta impressão, sem duvida, que motivou a lembrança de se mandar vir da China um homem competente para ensinar o fabrico do *Chá*, producto em toda a parte tão apreciado.

A 5 de março do anno citado desembarcaram em S. Miguel um chim, mestre manipulador, por nome Lau-a-pan, e um seu interprete tambem chim—Lau-a-teng—que, pelo muito tempo que tinha estado em Inglaterra, fallava o idioma d'este paiz.

Gostaram da ilha: percorreram os melhores sitios e passaram á manipulação do *Chá*.

O mestre chim, coadjuvado pelo seu interprete, guardava certo segredo relativamente ao fabrico, o qual foi descortinado pelo encarregado d'este estudo, o sr. Raphael d'Almeida.

Fizeram algumas variedades de *Chá*.

Na manipulação, o *Chá* preto foi sempre o melhor.

No intuito de se poder obter informações veridicas sobre a qualidade do *Chá* manipulado pelos chins, remetteram-se amostras para algumas casas commerciaes, vindo excellentes apreciações corroborar a classificação que já se dava na ilha a este respeito.

O chimico francez Schutzenberger, por via de Fouqué, fez em França uma analyse conscienciosa, na qual declara ser excellente o *Chá* michaelense.

Actualmente alguns proprietarios fabricam o *Chá* para seu uso, não havendo, todavia, um completo enthusiasmo, que dê o desenvolvimento que esta auspiciosa industria reclama para ser melhor apreciada, pois que constitue um grande beneficio em favor da agricultura portugueza.

Ponta Delgada.

GABRIEL D'ALMEIDA

Arabescos e Miniaturas

IMPROVISO

(A' EX.ma SR.ª D. V. E. H. T.)

Amei-te tanto, tanto, e ainda te amo
Mulher ou anjo, que... eu creio ethereo!
Nas solidões mais tetricas, eu chamo,
Por ti oh! ente divinal, sidéreo!...

Tu és a Ophelia eburnea dos meus sonhos
Oh! candida creança im...
Tu fazes os meus ...
Qu'os brilhos

Domin...

pantosa abnegação a senhora D. Maria Pia distribue esmollas por toda a parte, fundando associações de soccorros, hospicios para os desgraçados, asylos para os desvallidos! Ah! padre, que vale bem a lenda das rosas, esta sublime dedicação da Rainha pela pobresa envergonhada!

Rosa.—Oh! Abençoada seja quem tanto bem faz aos pobres.

Padre José.—Então, oremos tambem pela Rainha, como ella ora por nós no momento das nossas afflições. (*Todos ajoelham menos o padre José, que fica ao centro do grupo. Ouve-se uma trovoada ainda distante*).

CORO

Quem deu ao dorso dos mares
branca espuma de crystal,
vele do Ceu pela Santa
Rainha de Portugal.

Padre José.—Erguei-vos, filhos, e ide ao sanctuario das vossas familias ensinar as creancinhas a balbuciar o nome querido do nosso Anjo da Guarda. Ide, que o mau tempo começa a desencadear-se de novo, e alguns d'entre vós, moram bem longe d'aqui. Não vos esqueçaes nunca do que ouvistes dizer. Fazei com que os vossos filhos aprendam n'essa escola sublime de virtudes, que tão singularmente ensina a todos esta desvelada protectora do povo portuguez.

Todos (*levantando-se*).—Adeus, sr. padre José. (*Vão sahindo*).

Carlos.—Eu vou ver a minha Celeste, que ha tanto tempo não vejo. Até logo, meu bom amigo.

Padre José.—Adeus, meus filhos.

Rosa.—Adeus, sr. padre José. (*Sahem D. M. subindo a escadaria. O Padre José acompanha-os*).

SCENA VII

PADRE JOSÉ E LEONARDO

Padre José (*Voltando-se e encontrando Leonardo*).—Tu ficaste, Leonardo?

Leonardo.—E muito bem acompanhado, sr. padre José.

Padre José.—Mas... vae-te embora, filho. Moras tão longe d'aqui... Teu amo póde não gostar de que te demores.

Leonardo.—O patrão não se zanga por eu ficar aqui um boccado a fazer companhia ao sr. padre José. Eu tenho boas pernas, e, querendo andar, chego a casa n'um momento. V. s.ª tabemm não está muito perto da residencia.

Padre José.—Eu estou sempre perto de casa, porque cada um dos vossos tectos é um abrigo para mim, que estou em toda a parte, onde é preciso estar. Olha, Leonardo; o meu dever é velar por todos vós, que sois o meu rebanho, e nunca, que me acuse a consciencia, sube faltar á minha missão sagrada. Eu estou doente e parece-me que não vou longe. Sinto abeirar-me da sepultura a passos de gigante, e não quero que a sociedade me argúa de menos escrupulos no cumprimento do meu dever, nem o mundo vá despertar o meu somno de morto aos pés da campa gelada e sombria.

Leonardo (*limpando os olhos*).—Ora em que coisas o sr. padre José me está fallando!...

Padre José.—Pois quequeres tu que te diga um homem da minha edade, velho e cançado, que tem gasto a sua vida no santo mister do sacerdocio, prégando, como sabe, o Evangelho, aos que se agrupam em volta de si? Quando a cabeça começa a vergar-se para o chão, os olhos mal pódem ver o tumulo, que a mão dos annos lhe cavou aos pés.

Manuel Lopes (*fóra da scena*).—Accudam a um pobre velho! Accudam por caridade!

Padre José (*afflicto*).—Que é isto, Leonardo? Tu não ouviste uns gritos?...

Leonardo.—Parece-me que sim.

Manuel Lopes (*fóra da scena*).—Accudam! accudam! que morremos todos!

Padre José (*subindo até ao caes*).—Oh! quem serão os desgraçados! (*Começa a apparecer um barco, quasi no fundo, em que vem Manuel Lopes,*

SCENA VIII

OS MESMOS, MANUEL LOPES, ANTONIO, DOIS BARQUEIROS E ALGUM POVO

Antonio (*que vem seguindo o barco com uma corda na mão*).—Vêde se vos podeis chegar para a borda mais um bocado.

Manuel Lopes.—E' impossivel!

Leonardo (*arrancando a corda das mãos d'Antonio, e arremessando-a aos naufragos*).—Valha-nos Nossa Senhora do Amparo!

Manuel Lopes (*agarrando a corda*).—Graças a Deus que estamos salvos! (*O povo, o Leonardo e o padre José forçam pela corda, arrastando o barco até á cortina do caes*).

Padre José (*descendo ao M.*)—Oh! gloria a Deus, que das alturas nos ouviu a todos! Bemaventurados os que soffrem!

Leonardo.—Estes já não morrem afogados, por Deus! (*Vendo o barco*) E vinham quasi no fundo!

Manuel Lopes (*desembarcando*).—Deus vos ajude, meus bemfeitores. (*Ao padre José*) Sr. padre...

Padre José.—Seja bem vindo, irmão.

Leonardo.—D'onde vêm vocemecês com um temporal desfeito, como este?

Manuel Lopes.—D'onde venho? Eu sei lá? Venho... nem eu sei d'onde.

Leonardo.—O barco vem arrombado.

Manuel Lopes.—Foi ali abaixo n'um tronco de choupo. (*Ao padre*) V. s.ª é d'aqui mesmo?

Padre José.—Sou, sim, senhor.

Manuel Lopes.—Eu... precisava muito de fallar-lhe.

Padre José.—Pois falle, que eu hei de escutal-o com religiosa attenção.

Manuel Lopes (*baixo, olhando a scena*).—Mas... está aqui tanta gente!

Padre José.—Ficaremos sós. (*A'parte*) Quem será este homem? (*Alto*) O' Leonardo:

Leonardo.—Chamou, sr. padre José?

Padre José.—Queres fazer-me um favor? (*Subindo*) Olha: leva esses desgraçados á minha casa, e dize lá que lhe deem de comer e de vestir!

Os barqueiros.—Seja pelo divino amor de Deus!

Padre José.—Leva-os, Leonardo. Leva-os, por caridade.

Leonardo (*amarrando o barco a um tronco d'arvore*).—O barco amarra-se aqui mesmo. Andae, rapazes; vamos a casa do sr. padre José. (*Saem todos, ficando em scena apenas Manuel Lopes e o pare José*).

SCENA IX

MANUEL LOPES E O PADRE JOSÉ

Padre José.—Estamos sós. Póde fallar que ninguem nos ouvirá.

Manuel Lopes.—V. s.ª é um padre, e os seus cabellos brancos dão-me bastante confiança para revelar-lhe quem sou, d'onde venho, e o que quero.

Padre José.—Falle! (*A'parte*) Não sei o que me advinha o coração.

Manuel Lopes.—Eu sou um desgraçado pae, que tem por toda a parte procurado uma mulher, que foi por muito tempo o seu encanto, a sua alma, a sua vida; que o deixou a chorar de vergonha e de deshonra a um canto do seu lar, nos braços da sua pobre companheira. Esta mais tarde, entregava a alma a Deus, soltando por ultima palavra o perdão para a filha, que lhe roubára tudo o que ella tinha de santo, de generoso, e de grande. Nem o aterraram os horrores da tempestade, nem as inclemencias do tempo.

Padre José (*aparte*).—Oh! Deus de misericordia.

Manuel Lopes.—Havia na sua alma um vacuo enorme, e elle procurava o ar, a luz, tudo o que lhe faltava na sua herdade do Minho, o formoso casal, onde tantas venturas sonhára para a sua adorada filha! Seguiu até Lisboa, onde se cançou de perguntar por ella, e pelo seductor que lh'a roubára, aos olhos e ao coração, onde ella estava. Bateu de porta em porta a perguntal-a. E, quantas lagrimas choradas, quanto sangue vertido pelos olhos, sr. padre! só eu o sei! os recursos pa... então vender tu... do senti nas mãos fortuna toda... O...

Padre José.—Var...

Manuel Lopes.—Qu... dioso ainda, legando-me minha filha. Continuei o can... dades, encostando-me ás arvo... não cahir de cansaço. Todos des... da minha Rosa. O coração ia-se-me em... o frio da descrença. Caminhei! caminhei pa... Quando cheguei a duas leguas d'aqui, disseram... que o seductor de minha filha tinha uma herdade em... Vallada, e que vivia com elle... uma... (*balbuciando*) uma rapariga do Minho. Córei de vergonha e resolvi partir. Deu-me o coração forças para voltar, e quando as palpitações me despertaram d'um somno pesado em que vinha, appareci sósinho ás portas da morte, tremendo de frio, e cheio de fome (*concentrado*) de fóme e de miseria.

Padre José (*áparte*).—Que desgraçado!

Manuel Lopes.—Mas entre a vida e a morte, surgiu-me um braço que o Senhor mandou, talvez em auxilio d'este judeu errante. Foi aquella corda salvadora, que me arrebatou do turbilhão da torrente, e me levou a respirar o ar, que a minha Rosa respira. Aqui tem a minha historia. Agora permitta-me que em nome do Ceu lhe peça uma esmolla para um desgraçado pae que procura sua filha. E' o pão que lhe falta ao espirito! é a luz que lhe falta aos olhos. Sabe, sr. padre, sabe onde móra a minha Rosa?

Padre José (*commovido*).—A sua filha... a sua Rosa...

Manuel Lopes.—Oh! falle, sr. padre; falle, pelas cinco Chagas de Christo. Diga-me onde ella móra, digam'o por amor de Deus.

Padre José.—A sua filha...

Manuel Lopes.—Padre! Falle; em nome de Deus lh'o peço,

...arães.

...atorial

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 14

Decreto determinando a forma de distribuição dos contingentes para as forças do exercito e da armada.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Portaria auctorisando a Companhia do Credito Predial Portuguez a emittir 900 contos de reis de obrigações prediaes de 5 p. c.

Diario de 15

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Diario de 16

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Carta de Lisboa

Lisboa, 16 de julho de 1886.

E' fóra de duvida que vae ser publicada na proxima semana a nova reforma administrativa. De nada valeram os protestos e representações da opposição, os quaes é bom que se diga d'uma vez para sempre, não encontraram minimo écco no paiz. Todos esperam com justa anciedade as medidas do governo, e estou certo que a impressão que ellas vão produzir será magnifica.

— A commissão do *meeting* do Porto, foi hontem recebida por el-rei o sr. D. Luiz, entregando-lhe a representação. Assistiu á audiencie o sr. ministro do reino, a quem S. M. entregou a representação. Não occorreu nenhum incidente mais. O sr. José Guilherme Pacheco leu a representação alludida, respondendo S. M. el-rei que recebia sempre com agrado quaesquer representações em nome dos povos, os quaes podiam estar certos que procederia sempre, segundo a sua consciencia, e como rei constitucional, de accordo com o seu governo. Estavam presentem os srs. ministros do reino e estrangeiros.

— Realisou-se na quarta-feira com a maior solemnidade, no Colyseu dos Recreios, a entrega da medalha de prata á menor Custodia dos Anjos, que na Gollegã praticára, como é sabido, um rasgo de heroismo improprio da sua idade, salvando de morrer afogadas duas creanças. O amplo circo do Colyseu estava repleto de gente, assistindo ao acto SS. AA. RR. o principe D. Carlos e a princeza D. Amelia, os srs. presidentes do concelho de ministros e da camara municipal, o sr. governador civil, a direcção da Associação Protectora das Escholas e Asylos Municipaes, collegios particulares, etc. A guarda de honra era feita por um batalhão escholar com bandeira e musica. No momento em que o principe real collocou a medalha ao peito da heroica creança, partiram de todos os lados retumbantes e enthusiasticos applausos, havendo tambem vivas. Custodia dos Anjos estava espantada com o que se passava em volta d'ella, e chorou, sendo presenteada com muitas prendas, entre as quaes, vestidos, diversas outras peças de vestuario, calçado e brincos. A princeza D. Amelia offertou-lhe um enxoval. A' sahida do Colyseu a multidão, que formava alas, fez uma ruidosa ovação á pequena heroina. Durante a ceremonia tocou no local a ...da municipal.

...torisada a companhia ge... portuguez a emittir ...rações prediaes ...no, com a ...os res... ...bri... ...ido ...no... ...mitti... ...capital ...se man... ...gida no ar... ...execução mui... ...menda á mesma ...

...a patriarcha ordenou ...freguezias da sua dio... ...assem aos seus parochia... ...essidade de seguirem as instru... ...hygienicas, que no anno passado ...eram lidas na missa conventual, principalmente na estação calmosa, que atravessamos.

— Teve logar o concurso para os logares de terceiros officiaes das alfandegas. Os pontos foram os seguintes: «Competencia da alfandega de Lisboa na parte relativa ao serviço maritimo. O consignatario d'um vapor inglez que fundeou no Tejo com carga para as praças de Lisboa e Porto requereu o trasbordo para um outro vapor inglez da parte dos carregamento destinado a esta ultima praça com o fundamento de evitar a demora resultante da descarga dos volumes manifestados para Lisboa. Informe este requerimento tendo em vista as prescripções legaes sobre o assumpto.»

— São concorrentes aos logares de delegados os srs. Agostinho de Almeida Rego, Antonio Sanches Rollão, Antonio José Cardoso de Barros, Joaquim d'Oliveira Moncada, Joaquim Cardoso Pimentel, Manuel Fernandes Pinto e Sebastião Horta e Costa. São obrigados a apresentar alguns documentos até ás 4 horas da tarde do dia 27 os srs. Antonio Marques Figueiredo, José Motta Prego, Luiz Pe...

...a Menezes, Sebastião Coelho Carva..., Vicente Luiz Gomes, Antonio Sal...nha Moncada, João da Gama Lobo Fi... Eduardo da Silva Vieira. As provas te...ão logar no dia 22.

— O revd.mo prelado de Macau partiu em visita para Timor.

— A fim de solemnisar o casamento de S. A. R. o principe D. Carlos, o sr. governador do Estado da India creou um premio pecuniario annual destinado ao estudante mais distincto do Lyceu de Góa.

— Foram suspensos e entregues ao poder judicial o escrivão e o recebedor de fazenda de Damão.

— Falleceram: na India, o sr. capitão Teixeira Bramonde; e em Macau, o rev. conego Gonçalves Pereira.

— Foram promovidos á 2.ª classe, os ajudantes machinistas navaes de 3.ª srs. José Manuel dos Santos e Silva, Henrique de Oliveira Guimarães, Antonio Viegas, Paulo Nogueira, João Ferreira d'Andrade Junior, Aniceto Xavier Horta, João Carlos Costa, Joaquim Antonio Correia, Victorino José Augusto, Manuel Joaquim Fernandes, Joaquim dos Reis Salema Caeiro e José Joaquim Gomes de Barros.

— Dizem que o sr. Vicente Monteiro pedira a exoneração do seu logar no ministerio dos negocios estrangeiros.

— Parece que entre as medidas dictatoriaes ha uma regulando a substituição dos juizes de direito.

— A distribuição do contingente de recrutas é de 12:709.

— Foi aberto concurso para o provimento de tres logares de professores e cinco professoras de ensino primario elementar.

— O *Diario do Gaverno* publicou uma portaria declarando que só a companhia do caminho de ferro de Lourenço Marques ao Transwaal tem direito ao exclusivo da construcção e exploração d'este caminho.

— Foi exonerado de dirigir o posto meteorologico de Mindello, em Cabo Verde, o sr. Jacintho Medina.

— A familia real vae toda no sabbado para Mafra, onde se demora tres dias á caça.

— Foi assignado o despacho nomeando governador de S. Thomé, o sr. Augusto Sarmento.

— Parece que depois da partida d'el-rei, S. M. a rainha vae para as Caldas da Rainha.

— Para commemorarem a tomada da Bastilha, arranjaram os republicanos antehontem uma recita no theatro dos Recreios, escolhendo o drama intitulado *A Republica*: porém, como no decorrer do espectaculo vissem que a peça era contraria á sua propaganda, lizeram uma violenta manifestação de desagrado ao auctor, que veio ao palco e arrancou da lapella um laço tricolor, calcando-o aos pés. O theatro estava completamente cheio, assistindo o directorio do partido d'um camarote adornado com sanefas.

— Foi concedida licença de 30 dias ao sr. vice-presidente da Relação do Porto.

— Foi preso e enviado ao poder judicial Alfredo Macieira Marques, arguido de se ter apoderado de dous menores no intuito de os separar da familia e negociar com elles.

— Foi assignado o contracto para a construcção da draga destinada ao ancoradouro do Porto. A draga é de grandes dimensões, e trabalha no Cabedello, se fôr preciso. Poderá dragar a oito e meio metros de profundidade. Custa vinte e cinco contos de reis e deve estar alli a funccionar em 15 de agosto.

— Os guardas marinhas em instrucção, já não sairão na canhoneira *Sado*. *Estephania* na viagem d'el-rei.

— Houve incendio no asylo de S. Luiz dos Francezes. São pequenos os estragos.

Lisboa, 15 de Julho de 1886.

(D'outro nosso correspondente)

Parece que o calor, que ultimamente nos tem flagelado, faz deitar os braços e unhas de fóra á gatunagem. Não só se invadem os domicilios, como se atacam nas ruas os transeuntes; mas nem a policia é poupada. Isto não é o peor, porque a policia, participando dos *bons officios* da gatunagem, decerto lhe andará mais na pista e fará melhor serviço.

— Continuam a fazer furor as polainas dos nossos soldados. Ante-hontem dizia na rua Augusta um cavalheiro de Santarem, ao tempo de ver passar uma pequena força: «Olhem aquillo: dos soldados restam as extremidades. Homens, de ordinario baixos, como são os nossos soldados, com um capacete enterrado na cabeça até assentar nos hombros, e mettidos dentro d'umas polainas taes, desapparecem, e d'elles vê-se apenas as extremidades. Se o ministro da guerra não providenceia sensatamente, eram de uma vez soldados.»

— Conta-se que os furores marciaes do sr. Fontes déram em desanimação. Foi, necessariamente, o fiasco do *meeting* do Porto, que lhe aconselhou a fazer como o caracol.

— Foram ha dias, e quasi á mesma hora, sepultadas duas senhoras nos Prazeres, uma das quaes tinha 105 annos, e a outra 91. Diz o amigo S., que tudo quanto for a mais dos 50 é favor.

— Lá foi já para o Porto para tomar o commando da 3.ª divisão o sr. Henrique José Alves, general de brigada. A' *gare* do caminho de ferro foram despedir-se de s. ex.ª varios officiaes em commissões e arregimentados; dando-lhe, assim, uma prova da consideração e estima, em que era tido aqui, pelos seus dotes e boas qualidades. Não é com vinagre, que se apanham moscas; no entanto ha muito quem tenha a louca vaidade de querer impor-se fazendo cara feia, quando, hoje, já não ha papão, que metta medo, nem ás mesmas creancinhas. Com bons modos e maneiras consegue-se tudo; com arrogancia, nada: e muito principalmente quando os arrogantes são conhecidos por sendeiros.

— No mercado—24 de julho—foi inutilisada grande quantidade de peixe grosso e miudo, por que se achava *doente*. Nunca as mãos doam a quem assim cumpre com os seus deveres.

— Foi mandada dar uma gratificação equivalente a 3 dias de vencimentos á policia, pelo bom serviço prestado nos dias das festas do casamento do principe D. Carlos.

— Diz-se que el-rei sairá para o estrangeiro, no dia 3 de agosto proximo, demorando-se na sua digressão approximadamente mez e meio.

— Suas Altezas o principe D. Carlos e princeza D. Amelia vieram de Cascaes a Belem na quarta-feira e regressaram no mesmo dia a Cascaes, donde irão para Cintra.

— Faz hoje 10 annos, que, pela primeira vez, ancorou no Tejo o couraçado *Vasco da Gama*, officialmente dito, porque, popularmente, jámais perderá o nome de—pimpão.

— Tem estado incommodado com um ataque de rheumatismo o sr. Antonio Carrilho. Dizem-me que vae melhor. Parabens a sr. ex.ª

— Foi grande o desapontamento dos proprietarios dos hoteis. Esperavam ter grande asafama em comes e bébes, tendo-se sabido do appello da commissão do *meeting* portuense, e julgando que cahiria aqui o poder do mundo, com a representação contra a dictadura, que ainda não nasceu; mas, afinal, toda a caravana se resumiu em... em dois senhores, o que parece dizer que ninguem no Porto fez caso dos reclames, salvo se os comboyos, em que *vinham* rolaram por algum despenhadeiro, ou ficaram suterrados debaixo d'algumas barreiras, que se desconjunctassem. O telegrapho, porém, ainda não deu noticia de que houvesse sinistro.

— Foi declarado, pelo ministerio da guerra, aspirante a picador, com o n.º 2, o filho do sr. Antonio Lucio Santa Clara, major reformado. Dou os parabens ao filho, e dou-os tambem ao pae, que assim vê garantido o futuro do seu filho, por quem tantos sacrificios tem feito. Não será demais o dizer-se, que o sr. Santa Clara tem sete condecorações, e todas ellas, com excepção do habito d'Aviz, lhe foram dadas, sendo praça de pret: d'isto póde concluir-se, que tem muitos bons serviços feito ao paiz. Como official não admiraria, que corressem umas para as outras, e até, muitas vezes, por *errarem o caminho*; como praça de pret, não é tanto assim.

— Na Praça do Principe Real um rapaz, ao apiar-se d'um carro, cahiu desastradamente e fez um grande ferimento na cabeça. E' a consciencia do pouco cuidado, e ás vezes, de brincadeiras.

Borges.

Telegraphia

Paris, 13.—O conselho de ministros decidiu esta manhã expulsar do territorio francez o duque de Aumale.

Em contrario das informações dos jornaes, não houve hontem conversação alguma entre o sr. Brison e o sr. Freycinet a respeito do duque de Aumale.

Na sessão do Senado, o sr. Tolain, perguntou ao governo que medidas tencionava tomar com respeito á carta que o duque de Aumale dirigira ao presidente da Republica franceza.

O sr. Globet, ministro da instrucção publica, respondeu annunciando a expulsão do duque de Aumale. O sr. Tolain agradeceu ao ministro a sua declaração, e accrescentou que sempre que proceder assim o ministerio terá a plena confiança da maioria. (Prolongados applausos da esquerda).

O sr. Chesnelons pediu então para interpellar o governo sobre esta expulsão. Consultado o Senado foi decidido que a interpellação se não effectuasse por emquanto. O sr. Chesnelons persistiu em pedir explicações e teve de ser chamado á ordem. Ficou assim encerrado o incidente.

A camara dos deputados rejeitou por 263 votos contra 252 o tratado de navegação com a Italia; depois, o sr. Keller, pediu para interpellar o governo ácerca da expulsão do duque de Aumale.

A camara resolveu que a interpellação fosse immediatamente realisada.

O sr. Keller sustentou a illegalidade de ter sido riscado dos quadros do exercito o duque de Aumale. O general Boulanger, ministro da guerra, respondeu que as patentes militares são realmente uma propriedade, mas que o duque de Aumale e o principe de Murat não as adquiriram pelas vias regulares.

A camara adoptou, por 375 votos contra 168, a ordem do dia approvando o procedimento do gabinete e expressando a confiança que tem na sua firmeza para fazer respeitar todas as leis republicanas.

E' provavel que o parlamento seja encerrado na proxima quinta-feira.

Londres, 14.—Estão eleitos deputados 296 conservadores, 70 unionistas, 162 gladstoneanos e 78 parnellistas.

Londres, 14.—Nas desordens que hontem houve em Belfast (Irlanda) ficaram mortos 2 gendarmes e 2 arruaceiros, e feridos 12 d'estes ultimos.

Em Limeriek (Irlanda) tambem occorreram disturbios graves, havendo varias pessoas feridas.

Madrid, 14.—O senado approvou hoje, por 119 votos contra 54, a convenção commercial com a Inglaterra.

Paris, 14.—O decreto de expulsão foi esta manhã notificado ao duque de Aumale, sem incidente. O duque parte amanhã para Inglaterra.

A festa nacional pelo anniversario da tomada da Bastilha, tem corrido com a animação habitual. O tempo que esteve chuvoso pela manhã, melhorou de tarde favorecendo a grande solemnidade militar em Longchamps, na qual tomaram parte todas as tropas da divisão de Paris, o pessoal das diversas escolas militares que ficam proximas da capital, entre outras, as de Versailles e as de Rambouillet, e todas as forças terrestres e maritimas que voltaram de fazer a campanha do Tonkim.

Paris, 15.—A festa nacional continuou hontem em toda a noite com o mesmo enthusiasmo. Os accidentes foram menos que no anno passado.

Ardeu parte da egreja de Jory (?), incendiada por uns lampeões que estavam collocados em roda do campanario. Ficaram duas pessoas feridas.

O duque de Aumale deve chegar hoje a Bruxellas; embarcará depois em Ostende para dirigir-se a Inglaterra.

S. Vicente, 15.—Saiu hontem d'este porto com destino a Lisboa o paquete inglez *Araucania*, da Companhia Navegação do Pacifico.

Paris, 15.—O presidente da Republica franceza escreveu uma carta ao ministro da guerra, general Boulanger, dando-lhe os parabens do irreprehensivel aceio e garbo militar com que as tropas se apresentaram hontem na revista.

O general Boulanger foi promovido a grande official da Legião de Honra.

Na sessão do Senado, o sr. Chesnelong realisa hoje a sua interpellação ao governo, sobre a expulsão do duque de Aumale. Disse não achar a expulsão justificada pela carta que o duque dirigiu ao sr. Julio Grévy e arguiu o ministro de ter violado o principio da propriedade das patentes militares.

Respondeu-lhe o ministro da guerra, dizendo que o governo não pode consentir que se dirija ao presidente da Republica carta tão insultante. (Violentas interrupções da direita).

O barão Lareinty exclamou: «Isso é uma cobardia.»

O general Boulanger declarou que não pode tolerar que alguem chame cobarde ao ministro da guerra, e desceu da tribuna.

Tomou a palavra o sr. Sarrien, ministro do interior, o qual disse que a carta do duque de Aumale, escripta com o assentimento do conde de Paris, é um verdadeiro conluio.

Subiu de novo á tribuna o general Boulanger e declarou que sabe cumprir o seu dever de ministro republicano.

F barão Lareinty lastimou que um soldado tão distincto com Boulanger houvesse injuriado um ausente.

Terminado este incidente, o senado adoptou, por 157 votos contra 78, a ordem do dia approvando o procedimento do governo e expressando a plena confiança do senado na sua vigilancia.

Em consequencia do incidente d'esta tarde no senado, o general Boulanger enviou já os seus padrinhos ao barão Lareinty.

O duque de Aumale partiu effectivamente para Bruxellas esta manhã; d'ali, irá para Inglaterra.

Londres, 16.—Estão eleitos deputados: 313 conservadores, 74 unionistas, 179 gladstoneanos e 82 parnellistas.

Faltam apenas 22 eleições.

Paris, 16.—A questão entre e barão Lareinty e o general Boulanger terminará ámanhã por um duello. O general encarregou os seus padrinhos de pedirem por arma a pistola.

ESPECTACULOS

PRAÇA DE TOUROS

5

EM AVEIRO

DOMINGO 18 DE JULHO

A'S 5 HORAS DA TARDE

Logo que compareça, no seu camarote, a respectiva auctoridade, haverá uma brilhante corrida de **6 touros puros**, que pessue ha mais d'um anno, o sr. Antonio Fernandes Maia, de Vagos, bem conhecido, n'esta cidade.

Tomam parte n'esta tourada, os srs. Antonio da Costa, Lourenço da Naia Caroço, Joaquim da Naia Maçarico, Pedro Moreira, e Manuel Peixinho.

O sr. Fernandes Maia, em vista do gado e pessoal, espera do povo aveirense, a sua protecção.

Os preços de camarotes, sombra, galaria e sol, são os do costume.

ANNUNCIOS

Edital

Rufino Cesar de Sousa Monteiro, Vice-Presidente da Camara Municipal do Concelho de Aveiro, em exercicio, no impedimento legal do respectivo Presidente, etc.

170 FAÇO saber que, pelo Meritissimo Juiz de Direito d'esta Comarca, já se acham decididas as reclamações á cerca do recenseamento militar do corrente anno, e que, por esta Camara, já foram mandados affixar os editaes, publicando o resultado d'essas decisões.

E, para constar, mandei passar o presente, para ser publicado pela imprensa.

Aveiro e Secretaria da Camara Municipal, 8 de julho de 1886. E eu Francisco de Pinho Guedes Pinto, Escrivão que o subscrevi.

O Vice-Presidente, servindo de Presidente—*Rufino Cesar de Sousa Monteiro.*

Arrematação

173 A direcção da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, d'esta cidade, faz publico que no proximo domingo, 1 de agosto, pelas 10 horas da manhã, á porta da egreja do Carmo, será arrematada uma porção de tijolo, e madeira, bem como uma pouca de cantaria.

Tambem no mesmo acto será posto em arrematação o concerto do telhado da mesma egreja, entregando-se a quem por menos o fizer.

Aveiro, 12 de julho de 1886.

O Provedor,

Manuel Anthero Baptista Machado.

VENDA DE PALHEIRO

164 QUEM quizer comprar um palheiro, sito na Costa de S. Jacintho, e que foi do fallecido major Ferreira, falle com a viuva D. Maria da Trindade Ferreira, moradora na rua Direita d'esta cidade.

EDITAL

Rufino Cesar de Souza Monteiro, Vice-Presidente da Camara Municipal do concelho de Aveiro, em exercicio, no impedimento legal do respectivo presidente, etc.

169 FAÇO saber que, nos dias abaixo designados, e pelas 10 horas da manhã, se ha de proceder, em hasta publica, ao aforamento dos seguintes bens:

NO DIA 1 DE AGOSTO FUTURO

Aforamento d'um grande bocado de terreno baldio, situado em S. Sebastião, o qual parte do nascente com propriedade dos netos de José Antonio de Rezende; do poente com a estrada de Aveiro a S. Bernardo, e do sul com Manuel Luiz Bernardes, d'esta cidade.

NO DIA 8 DO DITO MEZ DE AGOSTO

Aforamento d'uma faxa de terreno baldio, situado proximo do largo dos Santos Martyres, que corre parallelamente com a estrada, que vae da Arrochella á ponte da Dobadoura, por onde parte pelo poente, confrontando, pelo nascente, com as propriedades de Luiz Regalla, João Moreira dos Santos, João da Costa Freire, Guilherme Taveira e outros.

Aforamento d'uma faxa de terreno baldio, situado proximo da malhada dos Santos Martyres, que parte do norte com a piscina, aforada a João Maria Garcia, e do sul com a estrada publica, o qual terreno corre entre as referidas piscina e estrada.

NO DIA 15 DO MESMO MEZ

Aforamento d'uma faxa de terreno baldio, situada no largo do Rocio, a qual fica fronteira dos armazens de Antonio Pereira Junior e outros, mediando, entre os mesmos armazens e o dito terreno, uma rua, que se achará convenientemente indicada, bem como a menciona faxa, na occasião do aforamento.

Todos estes aforamentos se acham superiormente auctorisados, e effectuar-se-hão, em hasta publica, no proprio local dos terrenos a aforar.

E para constar se mandou passar o presente, para ser publicado pela imprensa, e outros de egual theor, para serem affixados.

Aveiro e Secretaria da Camara Municipal 9 de julho de 1886. E eu Francisco de Pinho Guedes Pinto, Escrivão da Camara, que o subscrevi.

O Vice-Presidente, servindo de Presidente—*Runfio Cesar de Sousa Monteiro.*

ARREMATAÇÃO

274 PELA Delegação d'Alfandega do Porto, em Aveiro, se faz publico, que no dia 20 do corrente, pelas 11 horas da manhã, á porta da mesma casa fiscal, se procederá em hasta publica á arrematação de 13 vigas de riga, 10 pranchas de flandres e 1 figura de pròa de navio, que o mar arrojou á praia nos limites do districto fiscal d'esta Delegação.

Delegação d'Alfandega do Porto, em Aveiro, 12 de julho de 1886.

O Chefe do Posto, servindo de escrivão do contencioso fiscal,

João Augusto Pinheiro de Passos.

VINHO BOM

168 NA adega da egreja em Beijóz, concelho do Carregal, ha para vender cincoenta pipas de vinho muito bom. E na residencia parochial de Dardovaz, concelho de Tondella, ha 25 pipas.

Vende-se todo ou em lotes de 5 pipas.

22

INJECÇÃO MOURA

140 ESTA efficaz injecção é a unica que cura em poucos dias, sem produzir damno algum toda a qualidade de purgações, tanto antigas como modernas, ainda as mais rebeldes. Deposito no Porto pharmacia Felix e Filho. Frasco 600 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz e Filho.

O MELHOR PURGANTE

138 TODOS os padecimentos cuja cura depende da applicação de um bom purgante dasapparecem rapidamente com o uso das pilulas purgativas da Moura que são indubitavelmenta o melhor dos purgantes até hoje conhecidos. A sua acção é muito suave e nada irritante, o seu effeito seguro e rapido; o seu preço excessivamente modico e a sua administração da maneira mais facil e mais prompta. Os milhares de caixas que se vendem annualmente, tanto no paiz como no estrangeiro, mostram á evidencia a superioridade d'este precioso medicamento purgativo. Preço 300 reis. Dapositarios em Lisboa, Pimentel e Quintans, 194, rua da Prata, (a esquina da travessa da Assumpção.) Venda por grosso, Felix & Filho. Porto.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz e Filho.

São falsificadas as pilulas em cujas caixas não for o nome Felix e Filho.

ACABAM AS DORES

139 COM a applicação do afamado balsamo anodyno de Moura, cuja efficacia é incontestavel nos rheumaticos, nas nevralgias, nas distenções de tendões, etc. Numerosos attestados de pessoas distinctissimas de paiz e estrangeiros, entre os quaes muitos do medicos de subido merito, provam a grande superioridade d'este medicamento, hoje universalmente usado, sobre outros aconselhados para as mesmas molestias. Preço 500 reis. No Porto, Felix e Filho, S. Domingos, 46.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz e Filho.

Deposito em Setubal, Antiga Ribeira, 15 a 19.

Previne-se o publico para não ser illudido que é falsificado o balsamo em cujos fraços não for o nome Felix & Filho.

COMPANHIA FABRIL SINGER

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79

PEGADO A' CAIXA ECONOMICA

AVEIRO

VINDE VER AS

Excellentes e ainda não igualadas machinas de coser de **LANÇADEIRA OSCILLANTE**, que esta Companhia tem á venda.

As suas grandes vantagens são:

BRAÇO MUITO ELEVADO

Lançadeira que leva um carrinho d'olgodão.

Não precisa encher canhila nem enfiar a lançadeira.

A agulha é sempre ajustavel.

Dá dois mil pontos n'um minuto!

Levissimas no trabalho e silenciosas sem ignal.

Pesponto o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambraia como nos tecidos mais grossos.

Não quebra as agulhas, nem corta a fazenda, todo o seu machinismo é ajustavel e com ouso e os annos está a machina sempre perfeita.

GARANTIDA POR 12 ANNOS

SINGER

Ao alcance de todas as fortunas. Vende-se a prestações de 500 REIS SEMANAES sem prestação d'entrada, e a dinheiro com grande desconto.

SINGER

A que tem obtido em todas as exposições os primeiros premios e vinda na ultima exposição de Amsterdam obteve o GRANDE DIPLOMA D'HONRA, premio superior é medalha d'ouro.

SINGER

Para familias, asfaiates, modistas, chapelleiros, sapateiros e correeiros.

SINGER

Para trabalhar á mão ou ao pé, e tão leve que uma creança a move sem se cançar.

SINGER

A que fabrica e vende directamente ao publico, evitando assim que o mesmo seja enganado com as imitações, e tornando-se d'esta forma a sua garantia solida e positiva.

SINCER

Vendeu só no anno de 1884 a enorme quantidade de 620:382 machinas! devido isto á sua grande aceitação, supplantando assim todos os outros systemas modernos, que jàmais poderão competir com a machina SINGER

SINGER

Não tem rival debaixo de nenhem conceito attestando a verdade d'estas palavras mais de SEIS MILHÕES de machinas sahidas das suas fabricas!

Ensino esmerado gratis em casa do comprador, e concertos gratis por todo o tempo.

Peçam-se catalogos illustrados contendo o preço das machinas.

Avisa-se o publico de que tenha todo o cuidado com as imitações.

Vende-se agulhas, algodões torçaes e oleo a preços baratissimos.

Deposito em todas as capitaes dos districtos de Portugal. 56

ESPECIALIDADES

Old Tom Gim (marca Gato *registada*)	4$800 réis por caixa de duzia
Cognac (muito velho)	5$800 réis por caixa de duzia
Scotch Whisky (10 years old)	8$000 réis duzia de garrafas
Vinho do Porto (velho)	3$000 réis duzia de garrafas
Vinho de Xerez (superior)	3$800 réis duzia de garrafas
Vinho de meza (igual ao melhor vinho de Bordeus)	850 réis duzia de garrafas
Champagne (muito superior)	7$200 réis duzia de garrafas

De 3 caixas para cima tem desconto, excepto os vinhos de meza

Pódem se provar estes vinhos e cognacs no escriptorio de

H. Daniel Ritson

39—RUA DO INFANTE D. HENRIQUE—39

(ANTIGA RUA DOS INGLEZES)

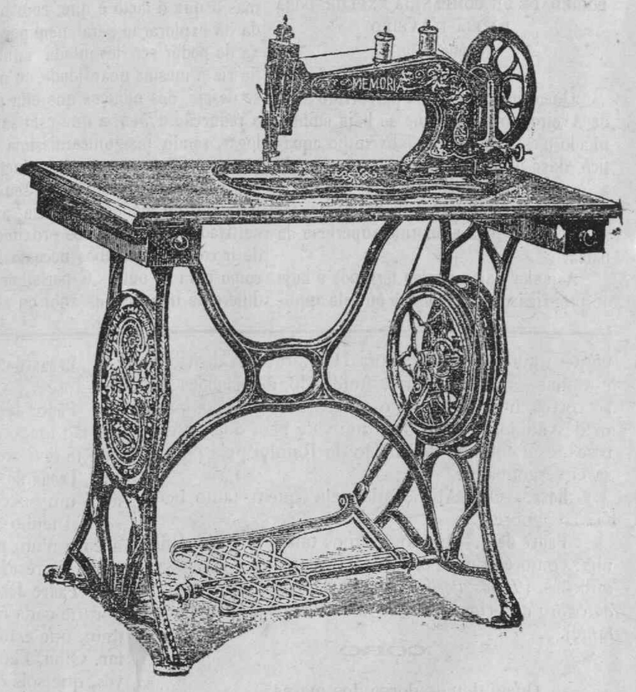
CASA ESTABELECDIA EM 1875

NOVO DEPOSITO DE

MACHINAS DE COSTURA

CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES

Rua Direita—Aveiro



Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A **MEMORIA** (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

PREVENÇÃO

5

Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi comtudo que tenho sempre no meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pela sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços que difficilmente outras casas do mesmo genero poderão competir.

Peças soltas, agulhas, algodões, oleo, torçaes, etc. 52

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO.